



ACADEMIA MILITAR

As Informações Militares no Teatro de Operações da

República Centro Africana:

As Células de Informações no apoio às Forças Nacionais Destacadas

Autor: Aspirante Aluno de Cavalaria José Francisco Ramos Cardoso de Araújo Silva

Orientador: Major de Infantaria José Pedro Gonçalves Venâncio

Coorientador: Capitão de Cavalaria Daniel Gonçalves Valério

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Cavalaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada



ACADEMIA MILITAR

As Informações Militares no Teatro de Operações da República Centro Africana:

As Células de Informações no apoio às Forças Nacionais Destacadas

Autor: Aspirante Aluno de Cavalaria José Francisco Ramos Cardoso de Araújo Silva

Orientador: Major de Infantaria José Pedro Gonçalves Venâncio

Coorientador: Capitão de Cavalaria Daniel Gonçalves Valério

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Cavalaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi também uma grande lição de humildade. O tema escolhido e o modo como foi conduzida a investigação (bem ou mal) constituiu, desde o primeiro dia, um desafio. Invariavelmente, o enfrentar de desafios e a superação de dificuldades contribui para o progresso e para o crescimento. Sinto que aprendi muito com esta investigação e por isso estou grato.

Estou bastante grato ao Senhor Major de Infantaria José Pedro Gonçalves Venâncio, que me orientou no decorrer de todo o trabalho. Obrigado pelo exemplo, pela disponibilidade, pela paciência e, acima de tudo, pelo conhecimento transmitido.

Estou também grato ao Senhor Capitão de Cavalaria Daniel Gonçalves Valério que fez questão de sempre me acompanhar no decorrer do trabalho.

Estou ainda grato a todos os militares com quem entrei em contacto e que, de alguma forma, contribuíram para o resultado alcançado. Em especial um agradecimento aos Senhores Oficiais entrevistados, pela disponibilidade e atenção, cujo conhecimento contribuiu de forma decisiva para esta investigação.

Estou eternamente grato à minha família e amigos.

Por fim, estou grato a todos os que sintam que me ajudaram, nem que tenha sido a escrever apenas uma linha deste grande capítulo da minha vida.

Mais uma vez, muito obrigado.

RESUMO

Um Modelo de Informações Militares é uma ferramenta essencial à condução das Operações Militares desenvolvidas num Teatro de Operações complexo e em constante evolução, como o da República Centro Africana.

Em sintonia com o objetivo de Analisar o Modelo de Informações Militares Português no Teatro de Operações da República Centro Africana, o presente Trabalho de Investigação Aplicada foi estruturado e desenvolvido segundo uma estratégia de investigação qualitativa, de acordo com uma abordagem essencialmente empírica e descritiva. Nesse seguimento, recorreu-se à realização de entrevistas a militares que desempenharam funções relacionadas com as informações nesse Teatro.

Esse Modelo de Informações Militares é constituído por vários atores, associados aos Elementos Nacionais Destacados no mesmo Teatro de Operações. A organização do Modelo, a interação entre os seus elementos e ainda a indagação sobre as suas eventuais lacunas, numa perspetiva de melhorar a sua eficiência, foram os fatores fundamentais que pautaram toda a investigação.

Apesar da constante evolução do referido Modelo praticamente desde a sua implementação, com diversas modificações tendo em linha de vista o seu aprimoramento, conclui-se que há ainda um longo caminho a percorrer, segundo uma perspetiva orientada para a otimização dos recursos disponíveis, da coordenação entre os atores e ainda dos efeitos provocados pelas Informações.

Palavras-Chave: Informações Militares; Eficiência; República Centro Africana;

ABSTRACT

A Military Intelligence Model is an essential tool for the conduct of Military Operations developed in a complex and constantly evolving Theater of Operations, such as the Central African Republic.

In line with the objective of Analyzing the Portuguese Military Intelligence Model in the Central African Republic Theater of Operations, this Applied Research Work was structured and developed according to a qualitative research strategy, according to an essentially empirical and descriptive approach. In this context, interviews were conducted with military personnel who played roles related to intelligence in that theater.

This Military Intelligence Model consists of several actors, associated with the National Elements deployed in the same Theater of Operations. The organization of the Model, the interaction between its elements and also the questioning of its possible gaps, in order to improve its efficiency, were the fundamental factors that guided the entire investigation.

Despite the Model's constant evolution practically since its implementation, with several modifications aimed at its improvement, it can be concluded that there is still a long way to go, according to a perspective oriented towards the optimization of available resources, of coordination between actors and of the effects caused by intelligence.

Key-Words: Military Intelligence; Efficiency; Central African Republic

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO.....	ii
ABSTRACT.....	iii
ÍNDICE.....	iv
ÍNDICE DE FIGURAS	vi
ÍNDICE DE QUADROS	vii
LISTA DE APÊNDICES.....	viii
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	ix
CAPÍTULO 1. REVISÃO DE LITERATURA	5
1.1 Informações.....	5
1.1.1 Informação, Informações ou Conhecimento?	5
1.1.2 Ciclo de Produção de Informações.....	10
1.1.3 Níveis das Informações	14
1.1.4 Células de Informações Militares.....	16
1.1.5 Eficiência nas IM.....	18
1.2 Informações na RCA.....	20
1.2.1 Contextualização do AO da RCA	20
1.2.2 MINUSCA	22
1.2.3 PORTUGAL – QRF MINUSCA/ EUTM/ EUAM.....	23
1.2.4 Limitações das Informações na RCA.....	24
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO.....	26
2.1 Tipo de abordagem.....	26
2.2 Modelo de Análise	27
2.3 Métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados.....	28
2.3.1 Recolha de dados.....	28

2.3.2 Tratamento de dados	29
2.3.3 Caraterização da amostra.....	29
2.4 Materiais utilizados e contextualização da investigação.....	30
CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	31
3.1 Evolução do Modelo de IM Português na RCA.....	31
3.2 Organização do Modelo de IM Português no TO da RCA.....	32
3.3 Análise do conteúdo das entrevistas.....	34
3.4 Lacunas Identificadas	37
CAPÍTULO 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	39
4.1 Modelo de IM Português no TO da RCA.....	39
4.2 CIN-RCA	40
4.3 Propostas de soluções às lacunas identificadas.....	40
CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
APÊNDICES	I

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n.º 1 – Pirâmide Cognitiva das Informações	8
Figura n.º 2 – Vertentes das Informações	9
Figura n.º 3 – Ciclo de Produção de Informações	11
Figura n.º 4 – Características das Informações de Excelência	13
Figura n.º 5 – Níveis das Informações	14
Figura n.º 6 – MINUSCA em fevereiro de 2023	23
Figura n.º 7 – Estrutura Operacional da 1ª QRF Portuguesa MINUSCA.....	24
Figura n.º 8 – Modelo de IM Português no TO da RCA	33
Figura n.º 9 – Estrutura de Informações da PRTQRF MINUSCA em 2023	34
Figura n.º 10 - CPI da PRTQRF no TO da RCA.....	35
Figura n.º 11 – Evolução da Estrutura das Informações da PRTQRF.....	XII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 – Objetivos Específicos da Investigação	2
Quadro n.º 2 – Estrutura do Trabalho de Investigação	2
Quadro n.º 3 – Parte Textual do Trabalho	3
Quadro n.º 4 – Processos de informações.....	12
Quadro n.º 5 – Modelo de Análise.....	27
Quadro n.º 6 – Militares entrevistados.....	30
Quadro n.º 7 – Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 1	XIV
Quadro n.º 8 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 2.....	XV
Quadro n.º 9 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 3.....	XVI
Quadro n.º 10 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 3.....	XVII
Quadro n.º 11 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 5.....	XVIII
Quadro n.º 12 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 6.....	XVIII
Quadro n.º 13 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 7.....	XIX
Quadro n.º 14 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 1	XX
Quadro n.º 15 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 2.....	XX
Quadro n.º 16 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 3.....	XXI
Quadro n.º 17 - Respostas à Secção n.º 3 - Questão n.º 1	XXI
Quadro n.º 19 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 2.....	XXIV
Quadro n.º 20 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 3.....	XXV
Quadro n.º 21 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 4.....	XXVI
Quadro n.º 22 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 5.....	XXVII
Quadro n.º 23 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 6.....	XXVIII
Quadro n.º 24 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 1	XXVIII
Quadro n.º 25 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 2.....	XXIX
Quadro n.º 26 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 3.....	XXX
Quadro n.º 27 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 4.....	XXX
Quadro n.º 28 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 5.....	XXX
Quadro n.º 29 - Respostas à Secção n.º 3 - Questão n.º 1	XXXI

LISTA DE APÊNDICES

APÊNCIDE A – GUIÃO DA ENTREVISTA AOS COMANDANTES E S2 DAS FNDs	II
APÊNCIDE B – GUIÃO DA ENTREVISTA AOS CHEFES DA CIN-RCA	VII
APÊNCIDE C – EVOLUÇÃO DO MODELO DE IM PORTUGÊS NO TO DA RCA ...	XII
APÊNDICE D – APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS AOS CMDTs E S2	XIV
APÊNDICE E - APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS AOS CHEFES DA CIN-RCA	XXIII

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AO	Ambiente Operacional
Cap	Capitão
CCOM	Comando Conjunto para as Operações Militares
CGPPD	Célula de Gestão, Pesquisa, Processamento e Disseminação
CIM	Célula de Informações Militares
CIN	Célula de Informações Nacional
CISMIL	Centro de Informações e Segurança Militares
Cmdt	Comandante
CN	Contingente Nacional
CPI	Ciclo de Produção de Informações
CSMIE	Centro de Segurança Militar e de Informações do Exército
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
CTen	Capitão-Tenente
EMGFA	Estado Maior General das Forças Armadas
END	Elemento Nacional Destacado
et al.	“et alia” – E outros (para pessoas)
FACA	Forças Armadas Centro Africanas
FFAA	Forças Armadas
FND	Força Nacional Destacada
HUMINT	<i>Human Intelligence</i>
IM	Informações Militares
Maj	Major
MCI	Módulo Conjunto de Informações
MINUSCA	<i>United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic</i>
n.º	Número

NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
NU	Nações Unidas
OE	Objetivo Específico
OEsp	Operações Especiais
OG	Objetivo Geral
OIM	Órgão de Informações Militares
ONU	Organização das Nações Unidas
OSINT	<i>Open Source Intelligence</i>
p.	Página
PDE	Publicação Doutrinária do Exército
PRTQRF	<i>Portuguese QRF</i>
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
QRF	<i>Quick Reaction Force</i>
RCA	República Centro Africana
SI	Sistema de Informações
SIED	Serviço de Informações Estratégicas de Defesa
TCor	Tenente-Coronel
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
TO	Teatro de Operações
UAV	<i>Unmanned Aerial Vehicles</i>
UCM	Unidade Conjunta Móvel
UE	União Europeia

INTRODUÇÃO

O presente trabalho científico, intitulado “As Informações Militares no Teatro de Operações da República Centro Africana: As Células de Informações no apoio às Forças Nacionais Destacadas”, surge no âmbito da conclusão do mestrado integrado em Ciências Militares, na especialidade de Cavalaria, da Academia Militar.

Apesar da grande quantidade de trabalhos recentemente realizados sobre as Forças Nacionais Destacadas (FND) na República Centro Africana (RCA), a componente das Informações Militares (IM) ainda não foi totalmente aprofundada e desenvolvida. Em concreto, o facto de o Modelo de IM Português vigente na RCA estar em constante evolução e adaptação leva a que os poucos estudos que vão sendo realizados, com o passar do tempo, se vão também desatualizando. Assim, a necessidade do estudo e investigação constante sobre esta temática torna-se essencial na contínua compreensão e assimilação de novas lições, visando identificar soluções práticas para um determinado contexto. Para além da evolução que este Modelo de IM tem sofrido desde a 1ª FND na RCA em 2017, também o facto de lhe estar associado um elevado grau de complexidade justifica a importância da sua investigação.

Efetivamente, o Modelo de IM Português na RCA foi sofrendo várias alterações/adaptações, fruto de necessidades que foram surgindo e naturalmente foram sendo colmatadas. Em setembro de 2020 ocorreram algumas alterações, tendo sido uma delas originada pela autorização por parte do Sr. Ministro da Defesa Nacional, através da Portaria n.º 594/2020¹, de emprego e sustentação na RCA de uma Célula de Informações Nacional (CIN-RCA). Também em março de 2022, através da Portaria n.º 397/2022², o Sr. Ministro da Defesa Nacional autorizou uma outra adaptação, com o incremento de um Módulo Conjunto de Informações (MCI) integrado na *Portuguese Quick Reaction Force* (PRTQRF) da MINUSCA.

Deste modo, a investigação dedicou-se ao estudo do Modelo de IM Português, espacialmente delimitado ao Teatro de Operações (TO) da RCA, temporalmente à situação que vigora desde setembro de 2020, e quanto ao seu conteúdo focando-se nas Células de Informações Militares (CIM). Neste contexto, a Questão Central (QC) do trabalho assume-se como: “De que modo pode o Modelo de IM implementado na RCA ser mais eficiente no

¹ Publicada no Diário da República n.º 193/2020, Série II de 02-10-2020, páginas 53-53.

² Publicada no Diário da República n.º 60/2022, Série II de 25-03-2022, páginas 83-84.

apoio às FND?”. Assim, o Objetivo Geral (OG) do trabalho é “Avaliar o Modelo de IM Português implementado no TO da RCA”. De modo a cumprir com este objetivo, foram definidos os Objetivos Específicos (OE) apresentados abaixo (Quadro n.º 1).

Quadro n.º 1 – Objetivos Específicos da Investigação

OE1	Caraterizar o Modelo de IM Português no TO da RCA
OE2	Analisar os processos de produção de Informações implementados no Modelo de IM Português na RCA
OE3	Analisar de que modo a eficiência do Modelo de IM Português pode ser melhorada

Fonte: Elaboração própria

Com vista atingir os objetivos propostos, o trabalho foi organizado em 3 partes (Pré-textual, Textual e Pós-textual) que se subdividem 4 capítulos principais: (1) *Revisão de literatura*; (2) *Metodologia de Investigação*; (3) *Apresentação dos Resultados*; (4) *Discussão dos Resultados*, tal como ilustrado no quadro n.º 2.

Quadro n.º 2 – Estrutura do Trabalho de Investigação

Trabalho de Investigação Científico		
Parte I Pré-textual	Parte II Textual	Parte III Pós-textual
Capa; Agradecimentos; Resumo; Palavras-chave; Índice Geral; Índice de Figuras; Índice de Quadros; Lista de Apêndices e Anexos; Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	Introdução	Apêndices e Anexos
	Capítulo 1. Revisão de Literatura	
	Capítulo 2. Metodologia da Investigação	
	Capítulo 3. Apresentação dos Resultados	
	Capítulo 4. Discussão dos Resultados	
	Conclusões, Limitações e Recomendações	
	Referências Bibliográficas	

Fonte: Elaboração própria

Desse modo, os principais elementos que compõem a parte pré-textual são o resumo e os índices geral, de figuras e quadros. A parte textual é a fundamental do trabalho, sendo composta pela introdução, a revisão de literatura, metodologia da investigação, apresentação dos resultados, discussão dos resultados, conclusões, limitações e recomendações e ainda as referências bibliográficas referentes à investigação. Por fim, a parte pós-textual é composta pelos apêndices e anexos, essenciais à compreensão e interpretação do trabalho.

Por sua vez, sendo a *Parte Textual* a mais relevante do trabalho, a mesma foi estruturada em 4 capítulos fundamentais (Quadro n.º 3), para além da *Introdução*, *Conclusões*, *Limitações e Recomendações* e ainda as *Referências Bibliográficas*. Estes 4 capítulos são: (1) *Revisão de Literatura*; (2) *Metodologia da Investigação*; (3) *Apresentação dos Resultados*; (4) *Discussão dos Resultados*.

Quadro n.º 3 – Parte Textual do Trabalho

Parte II - Textual	
Introdução	
1. Revisão de Literatura	<ul style="list-style-type: none"> 1.1 Informações 1.2 Informações na RCA
2. Metodologia da Investigação	<ul style="list-style-type: none"> 2.1 Tipo de Abordagem 2.2 Modelo de Análise 2.3 Métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados 2.4 Materiais utilizados e contextualização da investigação
3. Apresentação dos Resultados	<ul style="list-style-type: none"> 3.1 Evolução do Modelo de IM Português no TO da RCA 3.2 Organização do Modelo IM Português no TO da RCA 3.3 Análise do conteúdo das entrevistas 3.4 Lacunas Identificadas
4. Discussão dos Resultados	<ul style="list-style-type: none"> 4.1 Modelo de IM Português no TO da RCA 4.2 CIN-RCA 4.3 Propostas de soluções ás lacunas identificadas
Conclusões, Limitações e Recomendações	
Referências Bibliográficas	

Fonte: Elaboração própria

No capítulo 1. *Revisão de Literatura* pretende-se enquadrar teoricamente o trabalho estando este dividido em 2 subcapítulos que correspondem às suas 2 grandes partes. No subcapítulo 1.1 *Informações* são abordadas definições teóricas e perspectivas relacionadas com conceitos associados às IM, tais como as CIM, Ciclo de Produção de Informações (CPI) ou ainda a eficiência num Modelo de IM. No subcapítulo subsequente, 1.2 *Informações na RCA* são abordadas algumas das características que o TO específico da RCA acarreta, condicionando o trabalho desenvolvido pelas IM.

O segundo capítulo 2. *Metodologia da Investigação* explica como foi desenvolvido todo o trabalho de investigação, de acordo com os métodos, procedimentos e técnicas utilizadas. É constituído pelos seguintes subcapítulos: 2.1 *Tipo de Abordagem*; 2.2 *Modelo de Análise*; 2.3 *Métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados*; 2.4 *Materiais utilizados e contextualização da investigação*.

O terceiro capítulo 3. *Apresentação dos Resultados* expõe de uma forma organizada e clara para o leitor aqueles que foram os resultados obtidos a partir do processamento dos dados recolhidos. Assim, os resultados são apresentados de uma forma sintetizada, facilitando a sua compreensão e análise. São parte integrante deste capítulo os seguintes subcapítulos: 3.1 *Evolução do Modelo de IM Português no TO da RCA*; 3.2 *Organização do Modelo de IM Português no TO da RCA*; 3.3 *Análise do conteúdo das entrevistas*; 3.4 *Lacunas Identificadas*.

Por fim, o capítulo 4. *Discussão dos Resultados* surge no seguimento da apresentação dos mesmos. Desse modo, foi elaborado com vista a realçar a informação mais pertinente a partir da análise e compreensão dos resultados. É constituído pelos seguintes subcapítulos: 4.1 *Modelo de IM Português no TO da RCA*; 4.2 *CIN-RCA*; 4.3 *Propostas de soluções às lacunas identificadas*.

*Intelligence work is in essence nothing more than
the search for the single best answer.*

Sherman Kent

CAPÍTULO 1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Informações

1.1.1 Informação, Informações ou Conhecimento?

Analisando a sua definição numa perspetiva imparcial, meramente académica, é desde logo interessante constatar a interligação existente entre os demais conceitos associados à informação, tais como a comunicação, indagação, notícia ou dados. Segundo o Professor Universitário Armando Silva (2006, p. 24), a informação é entendida como “(...) um fenómeno humano e social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona e interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeitos que comunicam entre si”. Desse modo, a informação encontra-se entre o conhecimento e a comunicação, tendo por base as componentes da psicologia cognitiva e emocional do ser humano (Silva, 2006). No seguimento, o mesmo autor distingue a “informação” da “comunicação”, explicando que a informação é anterior e independente da comunicação, precedendo-lhe sempre. É estabelecida ainda a distinção entre “informação” e “documentação” (associada ao conhecimento), uma vez que o registo e interpretação exterior ao sujeito produtor de informação pressupõe que essa informação já existe, ou seja, já foi comunicada e está agora a ser processada ou registada, eventualmente originando conhecimento (Silva, 2006).

O crescente aumento da realização de tarefas relacionadas com a produção e o processamento de informação, vai expondo e tornando cada vez mais evidente o impacto da atual “Era da Informação” ou “Era Digital” (Silva & Ribeiro, 2010). Este fenómeno tem se verificado devido às mudanças provocadas pela acelerada e constante evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Estas, têm contribuído ativamente no que respeita à polivalência e simultaneidade de funções, capacitando um mesmo meio eletrónico na realização de várias tarefas, agregando-lhe várias valências. Assim, as TIC, à medida que vão evoluindo, vão também contribuindo para o mitigar de alguns entraves e

barreiras existentes ao longo de todo o processo que conflui na produção de informação (Silva & Ribeiro, 2010).

No seguimento deste enquadramento teórico, importa referir ainda que, tal como Silva (2006, p. 77) refere, “há muita documentação em diversos suportes e difundidos por vários canais e pouco conhecimento/ informação”. Este pensamento salienta a forte necessidade de existir todo um processo responsável pela produção da informação e respetiva comunicação, muitas vezes confundindo “informação” com “documento”. Efetivamente, a multiplicidade de plataformas e tipologias de suporte da informação existentes atualmente promovem um maior acesso à documentação, mas não necessariamente um maior conhecimento (Silva, 2006). Por este motivo, conceitos como a “Gestão da Informação” e “Gestão do Conhecimento” têm ganho uma relevância preponderante na área da Ciência da Informação. A Gestão da Informação visa encontrar soluções práticas desde a sua origem até ao efeito multiplicador do uso intenso da informação, agilizando e simplificando o seu fluxo. Com essa finalidade, compreende um conjunto diversificado de atividades, tais como a produção, tratamento, registo e guarda, comunicação e uso da informação (Silva, 2006). Nesse seguimento, a Gestão do Conhecimento remete para as atividades e processos orientados em busca do conhecimento, filtrado a partir da informação. Desse modo, recorrendo às TIC, as práticas e técnicas desenvolvidas na Gestão da Informação são indissociáveis da Gestão do Conhecimento, com vista a colocá-lo à disposição num formato que permita tirar partido das suas potencialidades (Silva, 2006).

Apresentados os conceitos de “Informação” e “Conhecimento”, fica ainda pendente o conceito de “Informações”. Efetivamente, torna-se imprescindível “distinguir o conceito de Informação do de Informações, dado que em Portugal frequentemente encontramos um entendimento incorreto do seu significado, daí advindo alguns desacertos de interpretação, no qual se constata que os termos “Informação” e “Informações” sejam muitas vezes utilizados com o mesmo sentido de linguagem, ainda que materializem conceitos diferentes.” (Rêgo, 2018, p. 107).

De acordo com a doutrina do Exército Português, *Intelligence* é “o produto resultante do processamento de notícias respeitantes a nações estrangeiras, organizações ou elementos, reais ou potencialmente hostis, ou áreas de operações atuais ou potenciais” (Exército Português, 2009, p. 1-6).

Da mesma forma, a doutrina da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO), naturalmente redigida em inglês, prevê duas distintas definições: *Information* e

Intelligence. Segundo a mesma, *Information* é definida como qualquer tipo de dado não processado que pode ser utilizado na produção de informações (NATO, 2021). Na mesma publicação doutrinária, *Intelligence* é ainda definido como “o produto resultante da pesquisa e processamento direcionado de informação tendo em conta o meio ambiente e as capacidades e intenções dos atores, de modo a identificar ameaças e proporcionar oportunidades a serem exploradas pelos decisores” (NATO, 2021, p. 69).

Deste modo, com base na doutrina torna-se perceptível a relação existente entre estes dois conceitos. Assim, *Intelligence*, ou “Informações”, depende da pesquisa e do processamento da *Information*, ou “Informação”. Da interpretação destes conceitos doutrinários, o TCor Rêgo (2018) conclui que *Intelligence* representa o conhecimento resultante da análise da “Informação”. O mesmo refere ainda que “a lógica subjacente à tradução do termo em Portugal assentou no facto de *Intelligence* resultar da agregação de vários elementos de *Information*, passando então a ser usada a expressão “Informações”, por se tratar de um agregado de múltiplas *Information* (Rêgo, 2018). Para além disto, o mesmo aponta ainda para o facto de que o equívoco ou confusão existente em Portugal entre estes dois conceitos se deve à sua tradução para a língua portuguesa, dado que, neste contexto, “Informações” não é apenas o plural de “Informação”.

Simplificando os conceitos, concluímos assim que as informações estão intrinsecamente relacionadas com o Conhecimento, resultando da produção e processamento da informação, esta que por sua vez depende da recolha dos dados. “Por dados consideram-se as observações individuais, medidas e mensagens primitivas ou primárias, do nível mais baixo transmitidas por um sensor, ou qualquer outro tipo de origem (humano, mecânico ou eletrónico)” (Silva, C. & Ribeiro, F., 2018). Após os dados (*data*) serem recolhidos no Ambiente Operacional (AO) são sujeitos a um processamento, originando *outputs* que são apresentados ao cliente final. Esse cliente tem a capacidade de relacionar toda a informação recolhida e processada do AO atual e ainda poder analisá-la e compará-la tendo em conta a experiência do passado. Desta forma, a Informação atravessa uma fase de processamento detalhado orientado para as necessidades apresentadas, refinando-a, passando assim a chamar-se “Informações” (*Intelligence*).

Atualmente, devido à evolução das TIC associada à Ciência da Informação já referida, juntamente com a introdução de novas técnicas e procedimentos e ainda do aumento da complexidade do AO, tem-se também assistido a uma evolução da pirâmide tradicional das informações (Rêgo, 2018). Desta evolução surge uma nova pirâmide capaz de proporcionar a visualização e interpretação global de todas as dinâmicas do AO, tal

como ilustra a figura n.º 1. As Informações passam então a compreender o “conhecimento e a “compreensão”. Assim, “o “conhecimento” resulta do processo de fusão da informação obtida com origem em diversas fontes, que não somente militares” (Rêgo, 2018, p. 122). Por sua vez, “a “compreensão” advém do processo de integração do conhecimento existente sobre um determinado assunto ou área de interesse, contribuindo para uma compreensão abrangente do AO, permitindo essa forma sustentar as ações e decisões militares de forma lógica, sequencial e racional” (Rêgo, 2018, p. 122).

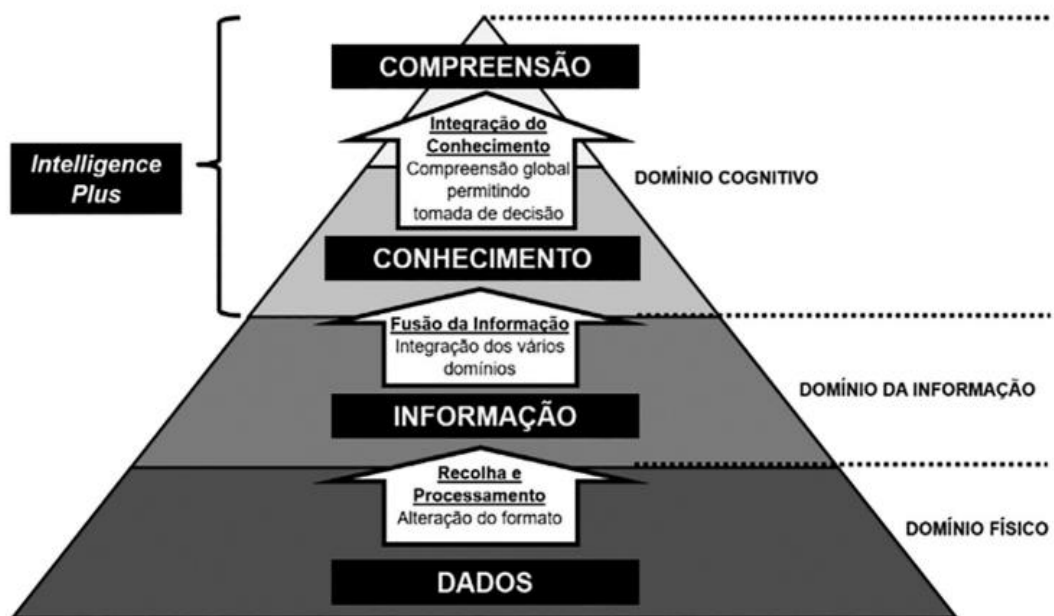


Figura n.º 1 – Pirâmide Cognitiva das Informações

Fonte: (Rêgo, 2018)

De acordo com esta pirâmide, as informações compreendem-se em 3 domínios: o físico, o da informação e o cognitivo. O primeiro está associado à condução de operações militares nos diferentes ambientes (terrestre, naval, aéreo e cibernético). Ao domínio físico estão associados “os sistemas de Comando e Controlo (C2), as fontes de pesquisa e as redes de informação que os interligam, bem como os dados que incluem sinais detetados por um sensor ou origem” (Rêgo, 2018, p. 123). Quanto ao domínio da informação, “é aquele onde esta é produzida, partilhada e utilizada e onde as atividades de C2 são processadas” (Rêgo, 2018, p. 123). Finalmente, quanto ao domínio cognitivo, este “representa o que se passa na mente do decisor, sendo igualmente neste domínio que se ganham operações, uma vez que é onde reside toda a força anímica, criatividade, intuição, experiência e processos sistémicos e mentais de um decisor militar” (Rêgo, 2018, p. 123).

“*Intelligence means knowledge*”, é a primeira frase do livro *Strategic Intelligence for American World Policy* de Sherman Kent, cuja primeira edição foi publicada em 1949 nos Estados Unidos da América. O autor realça o facto de que a palavra “*intelligence*” ou “informações” pode assumir diferentes significados, sendo muitas vezes confundidos uns com os outros. Deste modo, Sherman Kent (1965) considera as informações segundo 3 distintas vertentes: como o conhecimento em si, como o tipo de organização que produz esse conhecimento (a forma como estão organizados os intervenientes) e ainda como a atividade (ou processo) que essa organização desenvolve para chegar ao conhecimento (Figura n.º 2).



Figura n.º 2 – Vertentes das Informações

Fonte: Elaboração própria

Segundo Sherman Kent (1965), a “atividade” ou “processo” das informações culmina com a criação de conhecimento, este que pode ser utilizado segundo duas diferentes perspetivas: a da proteção e defesa, tentando perceber como uma eventual ameaça ou inimigo possa estar a desenvolver a sua ação ofensiva; ou ainda numa perspetiva estratégica de ação, servindo para auxiliar determinada tomada de posição.

Kent teoriza ainda sobre a utilidade do conhecimento gerado. Segundo o mesmo (1965), existe uma verdade, ou seja, os factos como eles realmente são. Assim, o processo de aprofundar o conhecimento sobre esses determinados factos, é, no fundo, uma constante busca pela totalidade da verdade, ou seja, conseguir ter uma perceção o mais aproximada possível da realidade como ela é. Necessariamente, quanto melhor for a perceção da

realidade, mais acertada será a decisão tomada em relação à mesma. Desse modo, impera a forte necessidade de que esse processo de aprofundamento do conhecimento seja tão completo quanto o possível.

1.1.2 Ciclo de Produção de Informações

No seguimento das vertentes das informações consideradas por Kent, urge a necessidade de estudar o seu processo em concreto. De facto, o “processo das informações” é o grande responsável pela relação existente entre as restantes vertentes, sendo que o seu culminar é, efetivamente, a criação do conhecimento (Kent, 1965). Esta relação, na prática, materializa-se no *Intelligence Cycle* ou *Intelligence Process*, em Portugal conhecido como o Ciclo de Produção de Informações (CPI).

Silva (2006) realça ainda a necessidade que a Ciência da Informação tem em conduzir esse tal “processo” que se revela um recurso essencial na sua contribuição para a gestão da informação e do conhecimento. O facto de cada vez mais a informação estar dissipada e distribuída por diferentes plataformas, formatos ou suportes leva a que a sua gestão se torne também cada vez mais numa tarefa demorada e complexa. Apesar disso, a gestão da informação deve contribuir ativamente para agilizar e simplificar o seu fluxo, colocando o conhecimento certo, no local certo, à hora certa.

De acordo com a doutrina NATO, o CPI é considerado como a “sequência de atividades onde a informação é obtida, agregada e convertida em informações, tornando-a utilizável” (NATO, 2020, p. 4-1).

É constituído por 4 fases fundamentais: *Direction* (Direção), *Collection* (Pesquisa), *Processing* (Processamento), e *Dissemination* (Disseminação), tal como ilustrado na figura n.º 3 (NATO, 2020, p. 4-2).

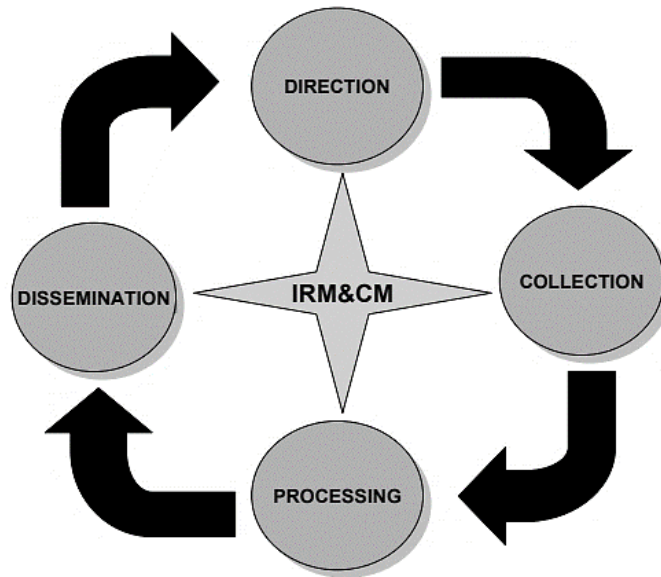


Figura n.º 3 – Ciclo de Produção de Informações

Fonte: NATO (2020)

Direção - é a primeira fase do ciclo, sendo descrita como a fase em que são determinados os requisitos de informações e planejados os esforços a realizar na pesquisa e recolha de dados ou informação. É a fase-chave de todo o CPI (NATO, 2020).

Pesquisa – é a fase em que, de acordo com a orientação da pesquisa elaborada na fase anterior, são exploradas as fontes e recolhidos dados através dos diversos órgãos de pesquisa. A informação obtida é, posteriormente, entregue aos órgãos de processamento apropriados para a produção de informações (NATO, 2020).

Processamento – nesta fase a informação é convertida em informações. Esta conversão é complexa, sendo realizada com recurso a diversas técnicas, tais como o agrupamento, avaliação, análise, integração e interpretação (NATO, 2020).

Disseminação – é a última fase do processo, na qual as informações são disponibilizadas no tempo e na forma oportunos àqueles que dela necessitam. É também requerida segurança, conformidade com os requerimentos dos clientes e ainda um mecanismo de *feedback* (NATO, 2020).

De acordo com a figura n.º 3, a monitorização do CPI e a coordenação das diversas fases é gerida através dos processos de *Intelligence Requirement Management* e *Collection Management* (IRM&CM). Estes processos têm por finalidade assegurar que as necessidades de informação são devidamente colmatadas e ainda que os meios de pesquisa

disponíveis são empregues adequadamente e priorizados de acordo com as necessidades (NATO, 2020).

De modo a encontrar pontos em comum relevantes neste processo, recorreu-se ao quadro n.º 4 que estabelece a comparação entre 3 diferentes “processos de informações”. Assim, consideraram-se:

- A - O processo das informações associado à Ciência da Informação, referido por Silva (2006);
- B - O CPI da NATO (2020);
- C – A atividade das informações apresentada por Sherman Kent (1965), mais na ótica de tratamento das informações estratégicas.

Quadro n.º 4 – Processos de informações

A	B	C
Produção	Direção	Identificação Orientação
	Pesquisa	Recolha
Tratamento Registo e Guarda	Processamento	Processamento Formulação de hipóteses Recolha
Utilização	Disseminação	Apresentação Final

Fonte: Elaboração própria

Os processos, teoricamente, são praticamente idênticos até à etapa do “Tratamento” ou “Processamento”, passando pela fase inicial da orientação e ainda pela pesquisa dos dados. Apesar das diferentes nomenclaturas, depois da informação ser processada, será colocada ao dispor de determinado cliente, proporcionando a sua utilização. O fundamento estrutural que ajuda a definir o objetivo último de todo o processo que culmina com a produção das informações é, na verdade, a sua utilidade. Assim, independentemente do modo como as informações são apresentadas ou disseminadas, o que é irrevogavelmente determinante é as informações serem, mais do que utilizáveis ou utilizadas, disponibilizadas. Com esta comparação pretende-se concluir que, independentemente do âmbito em que as informações são trabalhadas (académico, militar, estratégico, etc), o seu

processo deverá sempre ser vocacionado para o resultado final, disponibilizando sempre um produto acabado.

Neste contexto, um processo capaz de produzir informações que sejam efetivamente utilizadas pressupõe não só a eficiência do processo em si, como a qualidade das informações produzidas (Silva & Ribeiro, 2018). A credibilidade do produto originado por este processo está logicamente associada à sua qualidade, sendo que as informações deverão ser dotadas de certas características para serem consideradas de excelência (Figura n.º 4).

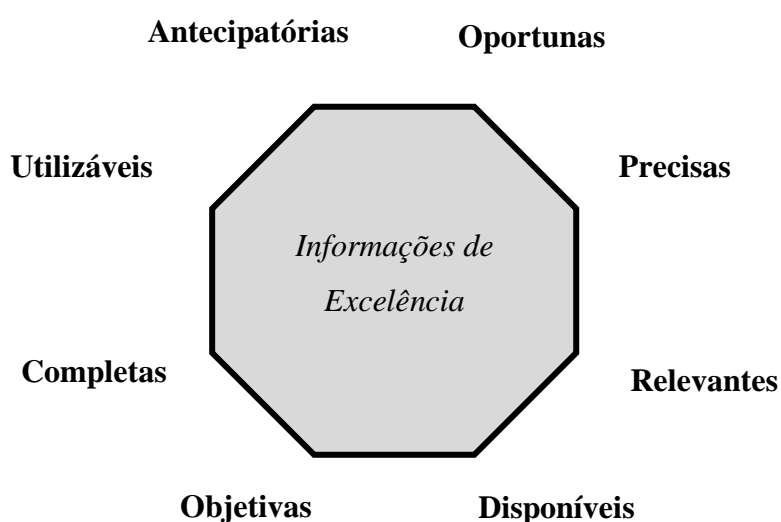


Figura n.º 4 – Características das Informações de Excelência

Fonte: Adaptado de US Joint Force Command (2013)

Sherman Kent (1965) atribui importância ao papel que as fases de pesquisa e observação assumem no decorrer do processo das informações. Para além disso, o mesmo enfatiza ainda que a orientação e o constante acompanhamento de todo o processo são fulcrais para a qualidade das informações produzidas. Desse modo, torna-se mais fácil evitar a produção de informações superficiais ou irrelevantes.

Numa altura em que se vive a “Era da informação”, naturalmente que também a acelerada e constante evolução das TIC é um fator que, inevitavelmente, acaba por interferir com o CPI. De facto, as TIC têm contribuído para o mitigar de entraves e barreiras que surgem ao longo de todo o processo, promovendo o maior fluxo da informação, bem como o aproveitamento das suas potencialidades (Silva & Ribeiro, 2010).

Já em 1949, Sherman Kent chamava a atenção para a capacidade que, por exemplo, os dispositivos eletrónicos tinham em acelerar toda a atividade das informações.

1.1.3 Níveis das Informações

As informações produzidas podem ser organizadas em 3 níveis, consoante os diferentes requisitos impostos e a sua utilidade ou aplicabilidade prática. De acordo com a doutrina NATO (2020), as informações podem então ser estratégicas, operacionais ou táticas, tal como ilustrado na figura n.º 5



Figura n.º 5 – Níveis das Informações

Fonte: Adaptado a partir de Sancha et al

As informações estratégicas são o nível mais elevado das informações, sendo necessárias na área política, no planeamento estratégico militar e ainda no aconselhamento em questões que suscitem preocupação e tenham uma relevância à escala nacional ou internacional, normalmente associadas a um horizonte temporal de futuro e não tão imediato (NATO, 2020).

As informações operacionais são necessárias no planeamento e condução de campanhas ao nível operacional. Focam-se no relato detalhado das capacidades e intenções dos diversos atores ou ameaças, com vista em assistir o comandante no seu planeamento e tomada de decisão (NATO, 2020).

As informações táticas são necessárias no planeamento e na execução de operações ao nível tático. Focam-se na ameaça e no perigo a curto prazo, trabalhando no apoio a missões táticas ou tarefas e ações muito específicas, a serem desenvolvidas num curto espaço de tempo (NATO, 2020).

Relativamente aos níveis das informações, Fonseca (2014) estabelece uma nuance no que refere ao nível das Informações Estratégicas. Segundo o mesmo (2014, p. 265), “o nível estratégico diz respeito à aplicação da gama completa de recursos nacionais, transversalmente a todos os instrumentos de poder, para alcançar objetivos políticos”. Assim, depreende-se que, para este nível de informações não concorrem apenas as IM, havendo também o contributo de outros “recursos nacionais”, sendo que o nível estratégico das informações é do “domínio de chefes de Governo e ministros” (Fonseca, 2014). Segundo o mesmo, o “Nível Militar Estratégico” atua de acordo com o emprego das FFAA, enquadrado dentro de uma estratégia política coletiva, de forma a alcançar objetivos estratégicos para a nação ou para os aliados. Relativamente ao nível operacional, Fonseca diz ser o nível ao qual está associado o emprego de forças militares com o fim de alcançar objetivos estratégicos através de campanhas ou grandes operações militares. Por sua vez, o nível operacional é o que estabelece a ligação entre os outros 2, sendo que ao nível tático as forças que são empregues desempenham tarefas militares e alcançam objetivos que vão contribuir para o cumprimento da missão tanto ao nível operacional como ao estratégico (Fonseca, 2014).

Importa ainda referir que as informações Estratégicas de interesse militar são da responsabilidade do Centro de Informações e Segurança Militares (CISMIL), enquanto as operacionais são atribuídas ao Comando Conjunto para Operações Militares (CCOM) e as táticas ao Centro de Segurança Militar e de Informações do Exército (CSMIE), cabendo ao Exército o tratamento das informações ao nível tático, essencialmente no que diz respeito ao planeamento e execução das suas operações (Sancha et al, 2019). Para além disso, salienta-se que independentemente do nível a que as informações são trabalhadas, “terão sempre como desígnio, o apoio a quem toma as decisões com vista à prossecução dos objetivos” (Sancha et al, 2019, p. 84).

1.1.4 Células de Informações Militares

As CIM são um Órgão de Informações Militares (OIM) que se caracteriza pela sua arquitetura flexível e modular. Estas operam com o objetivo de identificar, analisar, prever e anular quaisquer ameaças a forças ou Elementos Nacionais Destacados (END) em qualquer TO, através de processos eficientes (Mouta, 2021).

“O trabalho das CIM, e efeitos imediatos, ocorrem principalmente fora do TN, mas é patente, porém que as CIM contribuem significativamente para o plano nacional, desde o aprontamento de FND, ao planeamento operacional das operações. As CIM incrementam o conhecimento situacional estratégico-militar, podendo apoiar inclusive o nível estratégico-político, e supletivamente, e em simultâneo, coadjuvando todas as cadeias de decisão associadas nos vários patamares aludidos” (Mouta, 2021, p. 32).

Devido às suas valências específicas, as CIM são capazes de gerar produtos e contributos dispare e relevantes, provendo Informação sobre os TO. “As CIM sustentam e nutrem Conhecimento, válido, e pertinente, até com antecipação e oportunidade” (Mouta, 2021, p. 32).

As CIM estão, vulgarmente, associadas a ambientes onde atuam também forças internacionais. Deste modo, as mesmas caracterizam-se pela particularidade de atuarem em prol de objetivos específicos, servindo os interesses da comunidade ou nação e apoiando as FND. Assim, dada a sua especificidade, têm a capacidade de produzir informações de natureza tática mais precisa, atuando no terreno, numa perspetiva que orienta o trabalho para a missão e para os objetivos nacionais estabelecidos. Estas células acrescentam grande valor às IM, produzindo informações que acabam por ser um forte complemento às informações produzidas pela NATO, mais generalistas e menos específicas (Fonseca, 2014).

As CIM organizam-se essencialmente em dois núcleos: o Núcleo Operacional e o Núcleo de Produção. O primeiro trata da pesquisa, dedicando-se à sua gestão e à compilação dos relatórios de pesquisa. O Núcleo Operacional é composto por uma equipa de pesquisa *Field Human Team* (FHT)/ Contrainformação (CI). O segundo núcleo trata da análise da informação, sendo responsável por analisar e disseminar o produto final. O Núcleo de Produção opera com base na informação recebida do Núcleo Operacional e ainda das fontes abertas (OSINT). Durante todo o processo, nas CIM, é fundamental a interação entre ambos os núcleos, devendo esta ser permanente e eficiente (Fonseca, 2014).

As IM são fundamentais no apoio providenciado ao processo de tomada de decisão dos Cmdts em contextos operacionais, no caso das CIM, no apoio ao Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas (CEMGFA) ou ao comandante da FND. Este suporte é garantido devido às capacidades que as CIM têm, tanto a nível da avaliação da ameaça, como ao da avaliação das vulnerabilidades da nossa força, das operações e da sua proteção e segurança (Fonseca, 2014). Assim, os objetivos da missão atribuída às CIM são o apoio às operações correntes (nomeadamente no apoio ao planeamento) e o apoio à segurança e proteção física do CN. As CIM cumprem estes objetivos recorrendo às suas valências especializadas, quer no que toca à sua capacidade de pesquisa (na qual se inclui a capacidade de ligação com outros serviços de informações), quer na análise e produção de Informações (Fonseca, 2014). Estas células, em Portugal, atuam sob comando direto do CEMGFA, através do CISMIL. Têm a possibilidade de cobrir na totalidade ou parcialmente as suas várias vertentes e capacidades, mediante as necessidades que determinado contexto impõe (Silva & Ribeiro, 2018).

Nesse seguimento, está inerente às responsabilidades e funções do CISMIL a capacidade para a formação de CIM cuja finalidade seja produzir as informações necessárias para a preparação e execução de missões e operações militares (Fonseca, 2014). “A constituição de CIM é uma valiosa expressão do contributo do CISMIL para o processo de decisão a vários níveis hierárquicos em todos os cenários onde se encontram militares nacionais e uma prática que urge aprofundar e multiplicar” (Fonseca, 2014, p. 271).

De acordo com o Decreto-Regulamentar que aprova a orgânica do EMGFA, o CISMIL “tem por missão assegurar a produção de informações necessárias ao cumprimento das missões das FFAA e à garantia da segurança militar” (AR, 2015, p. 5288). Nesse seguimento, é responsável por “Elaborar a proposta de constituição e extinção das CIM, bem como as respetivas relações de comando e controlo” e ainda por “Planear e acompanhar, em coordenação com os ramos das FFAA, o aprontamento das CIM” (AR, 2015, p. 5289). Segundo o mesmo documento, compete ainda ao CISMIL “Gerir as informações provenientes das CIM”, bem como, “Coordenar e apoiar as atividades das CIM, de acordo com orientações e diretivas superiores” (AR, 2015, p. 5289).

Com a aprovação da nova Lei Orgânica do EMGFA (estabelecida nos termos do Decreto-Lei n.º 19/2022 de 24 de janeiro), procedeu-se também à reestruturação do CISMIL. Deste modo, são realçadas as suas responsabilidades no reforço das atividades

operacionais no âmbito das informações e segurança militares (AR, 2022a). É ainda salientado o foco no apoio às operações, mantendo a sua capacidade estratégica. No que respeita ao âmbito das informações e segurança militares, esta Lei Orgânica contempla ainda o reforço das atividades operacionais, evidenciado com a criação de Unidades Conjuntas Móveis (UCM) (AR, 2022a). Assim, o CISMIL deve:

“Propor ao CEMGFA, no âmbito estritamente militar, a constituição e extinção das UCM, no âmbito das informações militares, bem como as respetivas relações de comando e controlo, garantindo a sua preparação e aprontamento, no respeito das atribuições da Assembleia da República e das competências, previstas na lei, dos órgãos que compõem o Sistema de Informações da República Portuguesa” (AR, 2022a, p. 24).

Da interpretação dos documentos supracitados, depreende-se que UCM é a designação atual para CIM, correspondendo ao mesmo conceito. Tal como já referido, a possibilidade de uma CIM (ou UCM) poder ser estruturada de forma flexível e modelar quanto à sua arquitetura, permite a criação de CIM com diferentes características, podendo estar melhor adaptadas a determinadas contingências associadas especificamente a um TO.

As CIN, ou *National Intelligence Cells* (NIC), são um exemplo de uma CIM. Estas (CIN) são definidas pela NATO (2020) como uma capacidade equipada e guarnecida por determinada nação de modo a fornecer informações que sirvam de apoio a um comando NATO, que pode assumir uma configuração permanente ou estabelecida temporariamente. De acordo com a doutrina do Exército Português estas células são constituídas pela respetiva nação, atuando num TO ao nível das informações estratégicas, de acordo com a política nacional definida pelo seu país (Exército Português, 2009). Atualmente estão presentes, entre outros locais, na RCA.

1.1.5 Eficiência nas IM

Os conceitos de eficácia e eficiência são muitas vezes associados. Na abordagem destes conceitos, no âmbito de um modelo de IM, a eficácia pode ser entendida como a capacidade de atingir determinados objetivos, tirando proveito dos recursos disponíveis. Por outro lado, eficiência, visa o atingir de determinados objetivos tendo em vista a otimização do emprego dos recursos (Silva & Ribeiro, 2018). Assim, segundo uma perspetiva eficiente, pretende-se não só cumprir metas, mas fazê-lo da forma menos dispendiosa possível, utilizando menos recursos. A eficiência salvaguarda sempre a eficácia, embora o contrário não se verifique (Silva, 2018).

Fatores como a otimização de recursos e procedimentos, a coordenação e comunicação, as sinergias e dinamismo, flexibilidade e capacidade de adaptação são considerados pilares estruturantes fundamentais nesse contributo para a eficiência do SI, mitigando a produção de informações redundantes, contraditórias, irrelevantes ou inoportunas (Silva, 2018). A eficiência torna-se relevante porque os recursos são escassos, quer sejam económicos, humanos, materiais ou o próprio tempo.

Importa reforçar a ideia de que as Informações são um elemento que serve no apoio à decisão e não um fim em si mesmo (Silva, 2018). Nesse contexto, um SI capaz de auxiliar os decisores de forma oportuna traduzindo-se numa vantagem de decisão em relação ao adversário, é efetivamente um SI eficaz (Silva, 2018). Porém, num modelo de IM é relevante não só a eficácia, mas ainda mais a sua eficiência. Sendo o seu objetivo último o apoio à tomada de decisão, quanto maior for a sua eficiência, maior será a quantidade e qualidade de informações produzidas em menor tempo e gastando menos recursos, ou seja, maior e mais rápido será o seu contributo. Este contributo só poderá ser maximizado através da coordenação e sincronização no tempo de todos os elementos intervenientes no CPI (Silva & Ribeiro, 2018).

Num determinado Modelo de IM presente num cenário de apoio a um Contingente Nacional (CN) projetado no exterior, considera-se bastante profícua a colaboração de diversas organizações. Assim sendo, a colaboração do CISMIL com o SIED pode ser entendida como uma potencial mais-valia na Defesa Nacional (Fonseca, 2014). “Até pelas limitações legais a que as IM estão sujeitas e que o SIED, pelas atribuições e funções concernentes, não tem, podendo contribuir com informações certamente importantes, para a ação conjunta que resulta na defesa dos interesses nacionais no capítulo da Defesa” (Fonseca, 2014, p. 236). Também Silva e Ribeiro (2018) apontam para as vantagens que podem advir e contribuir para o aumento da eficiência do CPI com a promoção da interação e coordenação, através da implementação de ligações pertinentes, entre o SIED e o CISMIL.

“Neste sentido, a projeção de CIM para zonas de interesse nacionais permitiria ao CISMIL o enfoque da pesquisa, análise e processamento das informações ao nível estratégico-militar em apoio à decisão superior, ao invés de um estudo de Informações sustentado em fontes abertas, focado nos demais instrumentos de poder, cuja responsabilidade é assegurada pelo SIED (Silva & Ribeiro, 2018, p. 160)”.

Deste modo, conclui-se que a interação entre o CISMIL e o SIED poderá traduzir-se num grande valor acrescentado, materializado na qualidade do produto das IM. Essa

interação deverá ser pautada por uma coordenação permanente e saudável não só entre estes, como entre todos os elementos intervenientes no CPI. Apenas segundo estas premissas poderá ser concebível um modelo de IM proficiente, assentando na base sólida da eficiência na produção das informações que, logicamente, contribuirá decisivamente para a eficiência das operações a serem conduzidas.

1.2 Informações na RCA

1.2.1 Contextualização do AO da RCA

O AO é composto pelo conjunto de condições e circunstâncias que afetam e influenciam diretamente o emprego das capacidades, condicionando a tomada de decisão do comandante (NATO, 2020). De acordo com a mesma publicação doutrinária NATO (2020), o AO compreende todos os atores e ações associadas a determinada crise ou conflito, num domínio físico ou não, através de fatores relacionados com o espaço, o ar, a terra, o mar, o ambiente informacional e o ciberespaço. Assim, a *Intelligence* desempenha um papel fulcral no decorrer de uma operação, desde uma fase inicial de planeamento, até ao efetivo emprego dos meios no terreno.

As informações são um pré-requisito crítico no que respeita ao planeamento e condução de uma operação. A sua valência de permitir uma compreensão holística de determinado AO, ou *Situational Awareness*, é essencial a todas as atividades a serem desenvolvidas, estando estas, logicamente, muitas vezes associadas às decisões tomadas pelo comandante (NATO, 2020).

Relativamente ao AO do TO, importa ainda perceber quais as causas que motivaram todo o conflito na RCA, que apesar de aparentemente se prenderem com a religião, numa disputa entre muçulmanos e cristãos, na verdade vão mais além, até aos problemas étnicos e de identidade entre a população (Silva, 2020). No relatório de março de 2014, o Secretário-Geral da ONU apontou para o facto de as causas do conflito estarem relacionadas com a instabilidade política e securitária no país (ONU, 2014b). Deste modo, as principais causas referidas pelo mesmo prendem-se com a falta de condições socioeconómicas, a corrupção e o nepotismo, o abuso de poder, a discriminação social e política das comunidades maioritariamente muçulmanas do norte do país e ainda a enorme

fragilidade das instituições e serviços públicos, nomeadamente as Forças Armadas Centro Africanas (FACA) (ONU, 2014b).

Na verdade, a disputa pelos recursos naturais do país, como o ouro, os diamantes ou ainda os terrenos favoráveis à agricultura ou pasto do gado, é sim um dos fatores que mais motiva a violência e o conflito (Silva, 2020). Logicamente, estes recursos atraem muitos interesses e, dada a incapacidade autoritária e de gestão das instituições governativas, acabam por ser disputados e explorados descontroladamente pelos grupos armados (Silva, 2020). Quanto à questão étnica e identitária, existe uma exclusão social e discriminação relativamente à população do nordeste do país, uma zona maioritariamente muçulmana e com ligações ao Chade e ao Sudão. Essa parte da população é considerada estrangeira pela maioria cristã e é precisamente onde surgiu o grupo *Seleka*, que originou todo o conflito em 2012 (Silva, 2020). Nessa disparidade regional existente entre norte e sul, importa ainda referir a componente histórica, sendo que durante a época colonial o país foi fortemente marcado por invasões de escravos maioritariamente muçulmanos na região norte do país. Para além disso, esta diferença entre norte e sul é também vincada na vertente política, pois desde a sua independência que a RCA é governada por cristãos e outros políticos originários do sul (Silva, 2020). Assim, a religião acaba também por estar associada ao conflito, não sendo essa a sua causa principal. Esta associação explica-se na medida em que é um fator de adesão e união dentro dos grupos armados, sendo manipulada com vista a obtenção de objetivos políticos, através do recurso à violência armada (Silva, 2020).

Outro fator crítico no alastrar da violência na RCA é a presença de vários grupos armados estrangeiros no seu território, bem como acesso a armas ser bastante facilitado. Exemplo de um destes grupos é o *Lord's Resistance Army* (LRA), um grupo armado do Uganda que obriga a população a trabalhos forçados e controla algumas zonas centro-africanas (Silva, 2020).

No final de 2013, a comunidade internacional promoveu apoio à RCA, através da operação Sangaris (desenvolvida por forças francesas) e ainda da *Mission Internationale de Soutien à la Centrafrique sous Conduite Africaine* (MISCA) (missão da União Africana). Tanto a operação Sangaris como a MISCA não foram capazes de conter devidamente a violência e proteger a população (Silva, 2020). Em cooperação e harmonia com estas intervenções na RCA, também o CSNU lhe foi impondo diversas sanções, culminando com a Resolução n.º 2149 de abril de 2014 que autorizou a criação da MINUSCA, em substituição da MISCA (ONU, 2014a).

1.2.2 MINUSCA

A partir de 2014, a presença da ONU na RCA entra numa nova fase quantitativa e qualitativa, através da implementação da *Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic* (MINUSCA). Com a criação de uma nova missão multidimensional no continente africano, a ONU passa a ser a Organização Internacional presente em maior número no país. A missão da MINUSCA passa por: assegurar a segurança e proteção de civis; proporcionar as condições necessárias para que a assistência humanitária seja possível realizar; contribuir para a desmobilização e desarmamento dos grupos armados e ainda apoiar o governo frágil e instável (CIA, 2023).

De acordo com a Resolução n.º 2659 aprovada pelo CSNU, de novembro de 2022, a MINUSCA conta atualmente com cerca de 17400 elementos (militares, policias e civis) distribuídos por todo o território (Figura n.º 6), sendo que a componente militar é a maior, constituída por cerca de 14400 militares (ONU, 2022). Os elementos da MINUSCA são provenientes de vários países, sendo que, os maiores contribuintes são o Ruanda, Bangladesh, Paquistão e Egito (ONU, 2022).

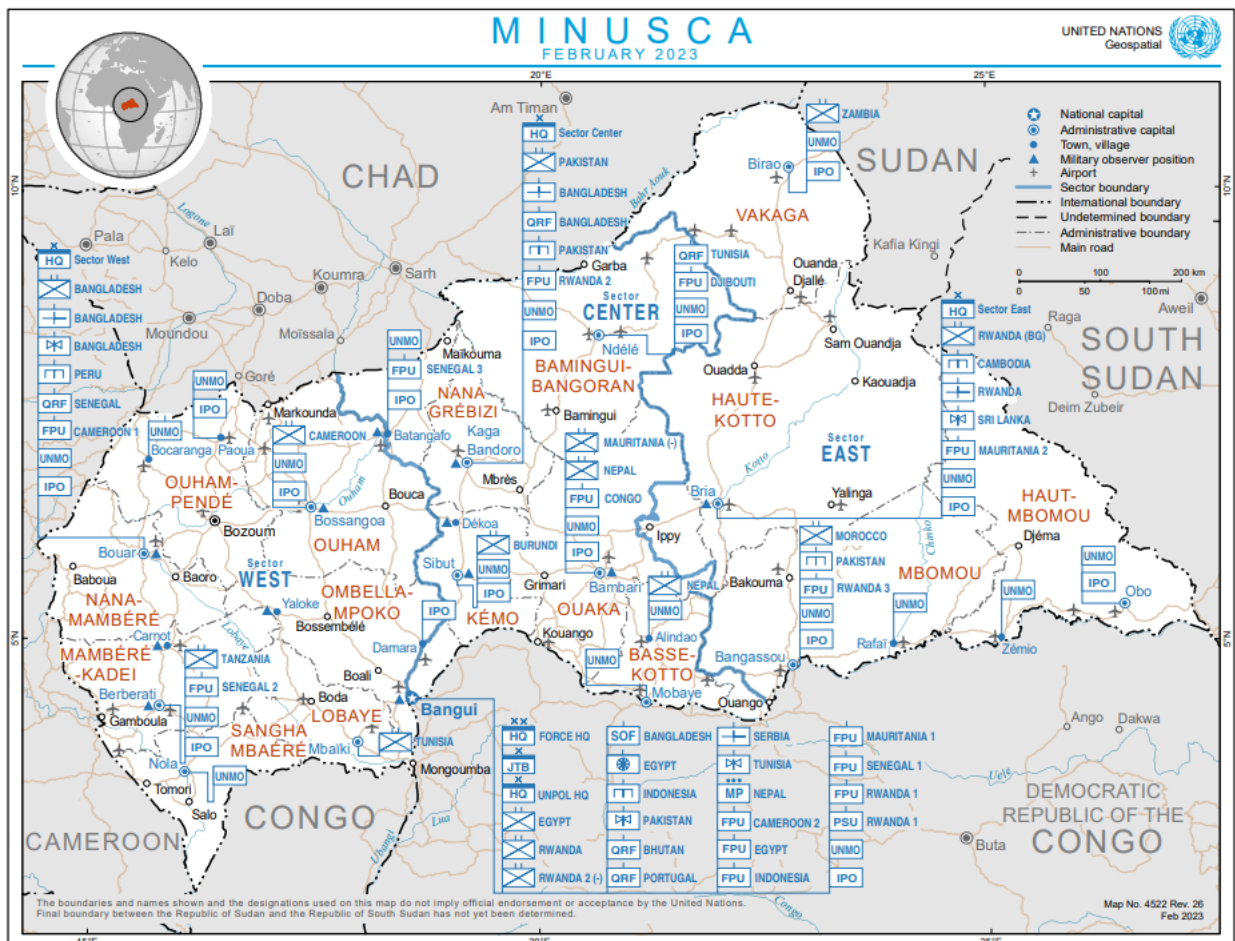


Figura n.º 6 – MINUSCA em fevereiro de 2023

Fonte: (ONU, 2023)

1.2.3 PORTUGAL – QRF MINUSCA/ EUTM/ EUAM

Portugal iniciou a sua participação como membro integrante da MINUSCA em 2017, nos termos do estabelecido pela Portaria n.º 29/2017, de 4 de janeiro, do Ministério da Defesa Nacional, representando-se maioritariamente pelo Exército. Assim, foi preparada uma FND com o objetivo de constituir uma *Quick Reaction Force* (QRF) sediada na capital da RCA, em Bangui (AR, 2017). Esta força era constituída por uma “Unidade Escalão Companhia, incluindo elementos de ligação, apoio logístico e sustentação, e um *Forward Air Controller* da Força Aérea Portuguesa” (Medeiros, Cardoso, Barata & Soares, 2018, p. 13).

Assim, a 1ª FND destacada na RCA era composta por 159 militares, dos quais 14 Oficiais, 37 Sargentos e 108 Praças (Medeiros et al, 2018). A estrutura da FND compreendia o Comando e Estado-Maior, 3 Grupos de Combate, o *Tactical Air Control Party* (TACP) e o Destacamento de Apoio (composto por uma equipa EOD e os módulos sanitário, de comunicações, de manutenção, de reabastecimento e serviços e de alimentação), tal como ilustra a figura n.º 7.

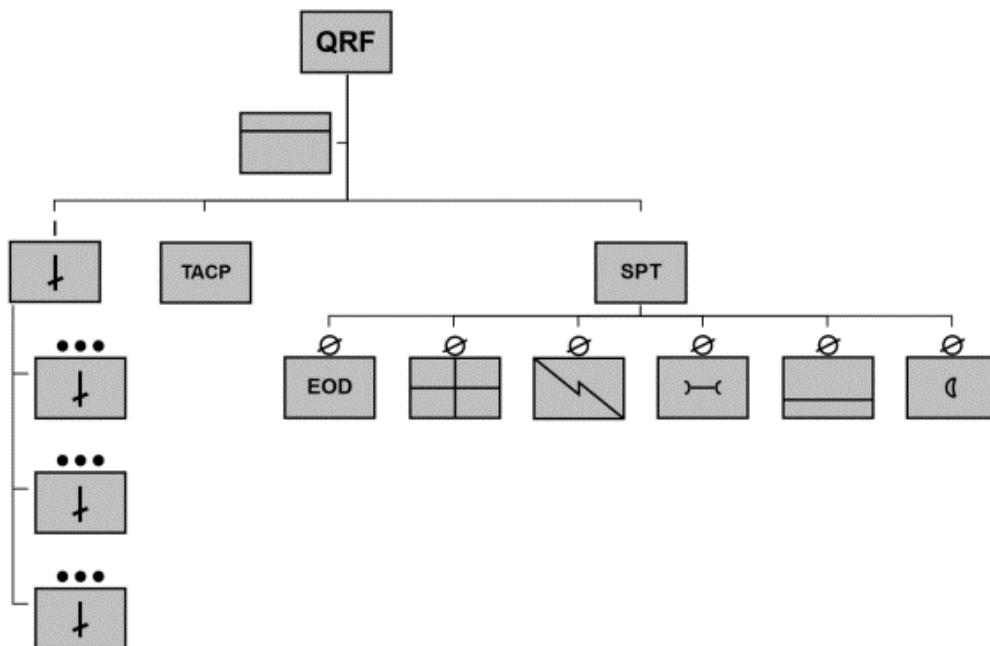


Figura n.º 7 – Estrutura Operacional da 1ª QRF Portuguesa MINUSCA

Fonte: (Medeiros et al, 2018)

Quanto ao Modelo de IM Português, nesta altura (1ª e 2ª FND) era apenas composto pela Secção de Informações (Oficial e Sargento de Informações), naturalmente integrada no Estado-Maior da FND. É de lembrar o facto de que logo em 2017, para além da QRF, Portugal passou a contar também com um END no Quartel-General da MINUSCA (AR, 2017).

No que diz respeito à atuação da UE no TO, em 2016 esta decidiu levar a cabo a *European Union Training Mission in the Central African Republic* (EUTM-RCA). Sumariamente, esta missão pretendia contribuir para a reforma do setor da defesa da RCA (UE, 2021b). Assim, ainda em 2016, Portugal contribuiu com 11 END para integrarem a estrutura da EUTM-RCA (AR, 2016). Desde 2016, Portugal tem participado de forma ininterrupta na missão da EUTM-RCA, variando o número de pessoal envolvido.

No âmbito das missões da UE na RCA, foi também criada em 2019 a *European Union Advisory Mission in the Central African Republic* (EUAM-RCA). Desde a sua criação já foram parte integrante da EUAM vários elementos pertencentes às forças de segurança portuguesas. Esta missão pretende fornecer aconselhamento estratégico ao Ministério do Interior e Segurança Pública da República Centro-Africana e às Forças de Segurança Interna (UE, 2021a).

1.2.4 Limitações das Informações na RCA

Devido à sua grande dimensão e extensão ao longo de todo o território da RCA, a estrutura de IM da MINUSCA apresentou várias debilidades.

De acordo com o Relatório da ONU (2017) as Informações trabalhadas por parte da estrutura da MINUSCA não são capazes de dar uma resposta às necessidades existentes. Foi identificada uma preocupação excessiva com os métodos de pesquisa de informação de alta tecnologia, descartando o valor tático das informações recolhidas. Esta falha dificulta o esforço desenvolvido em contrariar perigos ou ameaças. Por outro lado, nota-se também uma falta de integração das informações produzidas pela MINUSCA entre as suas operações e o âmbito estratégico da sua missão. “O CPI da MINUSCA revela ser também muito débil, incompleto e constituído por pessoal sem conhecimentos ou formação adequada na área das Informações” (ONU, 2017, p. 28).

Todas estas limitações tornam os membros da MINUSCA vulneráveis aos perigos e às ameaças associadas ao TO da RCA, contribuindo para o número de mortos e feridos provocados por atos de violência (ONU, 2017).

Efetivamente, as primeiras FND identificaram uma grande dificuldade da MINUSCA em fornecer informações credíveis, pertinentes e adequadas às necessidades da força (Oliveira, 2020). Também a falta de equipamentos de pesquisa de informação, bem como a reduzida capacidade tecnológica dos sensores de recolha de informação se revelaram um entrave na produção de informações (Oliveira, 2020). Para além disso, a falta de comunicação e partilha entre os diferentes departamentos e ainda a escassez de recursos humanos na área das informações e respetiva formação foram outras lacunas apontadas ao Modelo de IM na RCA (Oliveira, 2020).

Essa limitação na produção de Informações levou a que os Cmdts das FND atribuíssem tarefas de recolha de informação aos escalões subordinados. Para além disso, os elementos da Secção de Informações desenvolviam trabalho de OSINT. Deste modo, o aumento do número de elementos e equipamentos da secção de Informações revelou-se extremamente útil, permitindo colmatar necessidades gritantes. Assim, a FND foi conseguindo munir-se de capacidades fundamentais para o cumprimento da sua missão (Oliveira, 2020).

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

No presente capítulo são apresentadas as orientações e ferramentas metodológicas que desempenharam um papel fundamental na condução das diversas fases da investigação.

A componente metodológica é um pilar estruturante de uma investigação científica, sendo que, aquando da realização de uma investigação, os métodos e metodologias são essenciais no planeamento e orientação do trabalho, de modo a alcançar resultados de qualidade, pertinentes e devidamente fundamentados (Håkansson, 2013). Deste modo, a estratégia de investigação e correspondente desenho de pesquisa deverão ser delineados de acordo com a natureza do problema a estudar na investigação (Santos & Lima, 2019).

2.1 Tipo de abordagem

Perante o objetivo de *Analisar o Modelo de IM Português no TO da RCA*, o trabalho desenvolveu-se segundo uma estratégia de investigação qualitativa onde a QC se moldou como: *De que modo o Modelo de IM Português implementado na RCA pode ser mais eficiente no apoio às FND*. A investigação qualitativa caracteriza-se pela compreensão holística de determinada realidade, independentemente da sua complexidade ou contexto. Deste modo, o objeto de estudo torna-se essencial na orientação do trabalho, pois, o objetivo da investigação passa por aprofundar o conhecimento obtido sobre o mesmo, descartando quaisquer preocupações com medições e análises estatísticas (Santos & Lima, 2019). Neste contexto, o objeto de estudo da investigação fixou-se no Modelo de IM Português, delimitado espacialmente ao TO da RCA, temporalmente à situação que vigora desde setembro de 2020 e em relação ao seu conteúdo focado nas CIM.

Em sintonia com o tipo de abordagem já identificado, servindo de orientação metodológica, optou-se pelo estudo de caso como desenho de investigação. “Este desenho não tem como objetivo manipular variáveis ou estabelecer relações entre elas, mas sim, descrever de forma rigorosa a unidade de observação, que é o centro da atenção do investigador” (Santos & Lima, 2019). Importa ainda referir que o estudo de caso, enquanto desenho de pesquisa, se enquadra no âmbito das estratégias de investigação qualitativas. Para além disso, o mesmo assenta numa abordagem de investigação de natureza essencialmente empírica e descritiva, levando a que, dada a especificidade de determinado

caso em estudo, não seja possível estabelecer, com rigor, generalizações a partir dos resultados obtidos (Santos & Lima, 2019). Desse modo, a investigação assumiu uma abordagem mais descritiva e analítica, sempre na perspectiva de compreender e caracterizar o objeto de estudo da forma mais completa e rigorosa possível.

2.2 Modelo de Análise

O modelo de análise é considerado um elemento essencial no que toca ao condicionamento metodológico da investigação. Nessa conjectura, é frequentemente reconhecido como a etapa do processo de investigação onde é articulado o trabalho exploratório nos domínios conceituais e teóricos com o trabalho de cariz mais empírico de recolha e tratamento dos dados (Santos & Lima, 2019).

Nesta ótica, no decorrer deste processo teórico e abstrato de orientação e delimitação da investigação, surge o objeto de estudo, de acordo com o tema enquadrante da investigação. É ainda definido o OG que, logicamente, é indissociável da QC da investigação. Por sua vez, o OG irá fragmentar-se nos OE, tal como a QC irá dar origem às diversas QD. Na resposta a estas questões, muitas vezes, deverão ser esclarecidos determinados conceitos, conceitos esses que podem ser abordados consoante diferentes dimensões, variáveis e indicadores (Santos e Lima, 2019). Ao longo da pesquisa os dados podem ser ainda recolhidos com recurso a diferentes técnicas.

Desta forma, o modelo de análise reúne os elementos essenciais à investigação, associando assim, o domínio conceitual com o metodológico. O modelo de análise a partir do qual toda a investigação foi norteada e estruturada está representado no quadro n.º 5.

Quadro n.º 5 – Modelo de Análise

Tema	As IM no TO da RCA – As Células de Informações no apoio às FND
Objetivo Geral	Avaliar o Modelo de IM Português implementado no TO da RCA
Questão Central	De que modo pode o Modelo de IM Português implementado no TO da RCA ser mais eficiente no apoio às FND?

Objetivos Específicos	Questões Derivadas	Conceitos	Dimensões	Indicadores	Técnicas de recolha de dados
OE1 Caracterizar o Modelo de IM no TO da RCA	QD1 Qual a organização do Modelo de IM no TO da RCA?	IM CIM	Organização	FND	Análise documental e Entrevistas
				CIM	
OE2 Analisar os processos de produção de Informações implementados no Modelo de IM na RCA	QD2 Quais os processos de produção de informações implementados no Modelo de IM na RCA?	CPI	Atores	Intervenientes no CPI	
			Fases/ Tarefas	Qual interveniente faz o quê?	
OE3 Analisar de que modo a eficiência do Modelo de IM pode ser melhorada	QD3 Quais as lacunas identificadas na eficiência do Modelo de IM na RCA?	Eficiência (do referido Modelo)	Efeitos	Grau de apoio à tomada de decisão	
			Recursos	Otimização dos recursos utilizados	
			Coordenação	Ligação entre os diversos intervenientes	

2.3 Métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados

2.3.1 Recolha de dados

Os instrumentos de recolha de dados foram escolhidos tendo em vista a extração do máximo de informações necessárias de modo a formular respostas válidas à problemática da investigação (Reis, 2018). Desta forma, os dados foram recolhidos através da análise de conteúdos documentais e ainda da realização de entrevistas.

Com toda a documentação consultada pretendeu-se enriquecer o trabalho de investigação, numa ótica de contextualizar a temática abordada e ainda de complementar a restante informação obtida com recurso a outros instrumentos de recolha de dados (Reis, 2018). Assim, quanto à análise documental, recorreu-se a diversos documentos, quer em formato físico e/ ou suporte digital. A grande maioria dos documentos utilizados foram livros, trabalhos académicos, artigos científicos, revistas e legislação.

As entrevistas foram delineadas tendo em conta a recolha de informações relativas à questão e objetivos da investigação, a partir dos participantes (Reis, 2018). Para além de explorar e aprofundar um assunto sobre o qual se desconhece muita informação, este instrumento de recolha de dados torna-se muito útil pois permite também controlar ou validar parcialmente os resultados da investigação (Reis, 2018). Deste modo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, compostas por uma panóplia de questões abertas e fechadas. As questões foram divididas em 2 secções principais, com o objetivo de separar as respostas relacionadas com o Modelo de IM Português, das relacionadas com a CIN-RCA em si.

2.3.2 Tratamento de dados

O tratamento dos dados é fundamental pois permite ao investigador organizar, avaliar e interpretar toda a informação trabalhada, permitindo relacionar as variáveis do estudo (Reis, 2018). Após a sua recolha, os dados têm, então, de ser tratados de forma que permitam dar respostas ou chegar a conclusões pertinentes, de acordo com as linhas orientadoras da investigação. Assim sendo, os dados recolhidos foram organizados em tabelas de acordo com a sua secção. Este agrupamento das questões em secções permitiu facilitar a análise e compreensão das mesmas.

2.3.3 Caracterização da amostra

Tal como já referido, as entrevistas foram um instrumento de recolha de dados fundamental para o trabalho, permitindo investigar um fenómeno de acordo com o seu contexto real (Reis, 2018). Assim, as entrevistas permitiram recolher dados empíricos, assumindo-se como uma fonte de evidências que contribuem para a compreensão de determinado fenómeno (Reis, 2018).

Foram então realizadas seis entrevistas semiestruturadas, divididas nas seguintes secções: *Modelo de IM*; *CIN-RCA* e ainda, *Sugestões e comentários finais*. As entrevistas foram compostas por questões de resposta fechada e aberta, tendo sido utilizados dois guiões de entrevista distintos (Apêndice A e B). Os entrevistados desempenharam funções de Comandante, Oficial de Informações ou Chefe da CIN-RCA no TO da RCA. Assim, o guião de entrevista exposto no Apêndice A foi direcionado aos anteriores Comandantes e

Oficiais de Informações, tendo o guião apresentado no Apêndice B sido respondido pelos anteriores Chefes da CIN-RCA. No total foram entrevistados dois militares para cada uma das funções referidas, ou seja, 2 anteriores Cmdts da PRTQRF, 2 anteriores Oficiais de Informações da PRTQRF e ainda 2 anteriores Chefes da CIN-RCA (Quadro n.º 6).

Quadro n.º 6 – Militares entrevistados

	Nome	Posto	Função no TO
E1	César António Rangel Monteiro	Maj	S2 da 11ª QRF
E2	Bruno Alexandre Bento Morgado	Cap	S2 da 12ª QRF
E3	Hélder Jorge Prata Pinto	TCor	Cmdt da 11ª QRF
E4	Nuno Alexandre Larangeiro Neto	TCor	Cmdt da 12ª QRF
E5	Fernando Jorge Marques Machado	TCor	Chefe da 1ª CIN-RCA
E6	Rui Emanuel da Silva Filipe	CTen	Chefe da 5ª CIN-RCA

2.4 Materiais utilizados e contextualização da investigação

No que diz respeito à documentação consultada, a sua pesquisa e recolha foi maioritariamente realizada em plataformas *online*, na biblioteca da Academia Militar e ainda na biblioteca do Instituto Universitário Militar.

As entrevistas realizaram-se presencialmente e em formato digital, recorrendo ao correio eletrónico institucional e ainda a um gravador de voz que permitiu analisar o conteúdo das entrevistas realizadas fisicamente.

O presente trabalho de investigação foi realizado no período compreendido entre março de 2022 e maio de 2023.

CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1 Evolução do Modelo de IM Português na RCA

Tal como referido no subcapítulo **1.2.3.**, o Modelo de IM apresentou várias falhas, tendo sido desenvolvidas várias adaptações de modo a colmatar as necessidades suscitadas pelo contexto operacional específico da RCA. Importa referir ainda que o Modelo de IM Português na RCA tem evoluído não só ao nível das Informações Operacionais ou Táticas, mas também no que diz respeito às Informações Estratégicas. Desta forma, atualmente as IM são trabalhadas na RCA não só pela PRTQRF (naturalmente integrada na estrutura da MINUSCA), mas também por outros elementos portugueses integrados em missões da UE e ainda pela CIN-RCA. É de salientar que o enfoque da investigação se prendeu com a relação existente entre a CIN-RCA e a PRTQRF da MINUSCA, sem descurar a presença dos restantes END.

A PRTQRF tem evoluído em vários aspetos, sendo que, no que diz respeito às Informações, o seu efetivo tem aumentado constantemente. Assim sendo, desde 2017, foram realizadas várias alterações ou adaptações à estrutura das informações da PRTQRF.

Deste modo, a primeira grande alteração ocorreu com a 5ª FND, tendo a Secção de Informações sido reforçada com 1 oficial adjunto do oficial de Informações, 1 sargento adjunto do sargento de Informações e ainda uma Célula de Apoio às Informações, constituída por 2 oficiais de Operações Especiais (OEsp). A estrutura das informações da PRTQRF passou então a contar com 6 militares: 4 oficiais e 2 sargentos (MDN, 2018).

A segunda grande alteração deu-se com a 6ª FND, passando a Secção de Informações a integrar novamente apenas o oficial e o respetivo sargento. Para além destes, manteve-se a Célula de Apoio às Informações (a partir deste momento apenas com o efetivo de 1 Oficial de OEsp) e criou-se ainda o Módulo UAV RAVEN, composto por 1 sargento (chefe de equipa Mini UAV) e 1 praça (operador Mini UAV). A estrutura das informações da PRTQRF passou então a contar com 5 militares: 2 oficiais, 2 sargentos e 1 praça (MDN, 2019; MDN, 2020a; MDN, 2020b; MDN, 2021a; MDN, 2021b).

Finalmente, com a 12ª FND surgiu a última grande reestruturação das informações da PRTQRF, tal como reflete o respetivo Programa de Aprontamento da força. A PRTQRF passou então a integrar uma Secção de Informações composta por 5 militares: o oficial de informações, o sargento de informações e 3 praças. Foi ainda criada a Célula de Gestão,

Pesquisa, Processamento e Disseminação (CGPPD), constituída por 1 oficial e 3 sargentos. Para além disso, foi ainda criado o MCI, constituído por 1 oficial e 4 sargentos. O anterior Módulo UAV RAVEN deu lugar à Secção MINI UAV, agora constituída por 2 equipas, cada uma com 1 sargento e 1 praça. A Célula de Apoio às Informações constituída por oficiais de OEsp foi então extinta. Assim, a estrutura das informações da PRTQRF é agora constituída por 18 militares: 3 oficiais, 10 sargentos e 5 praças (MDN, 2022a). Toda esta evolução das informações trabalhadas especificamente pela PRTQRF presente no TO da RCA pode ser também melhor compreendida com o auxílio do Apêndice C.

Para além da FND PRTQRF, no âmbito das Informações trabalhadas no TO da RCA, em setembro de 2020, nos termos da Portaria n.º 594/2020, de 2 de outubro, foi autorizada uma nova FND com uma missão direcionada apenas para as Informações, a CIN-RCA. Esta encontra-se na dependência do CISMIL, sendo constituída por 6 elementos, 5 militares das FFAA e 1 elemento do SIED. A presença em teatro da CIN-RCA tem-se verificado desde setembro de 2020 de acordo com os normativos específicos emanados pelo Exmo. Ministro da Defesa Nacional, nomeadamente a Portaria n.º 81/2021, de 17 de fevereiro, a Portaria n.º 392/2022, de 25 de março e ainda a Portaria n.º 107/2023, de 2 de março (AR, 2020; AR, 2021; AR, 2022b, AR, 2023).

No âmbito das missões da UE que foram sendo estabelecidas no TO da RCA, é de reforçar a presença dos muitos END. De acordo com a Portaria n.º 745/2022, de 7 de novembro, a participação nacional na EUTM-RCA contou com um total de 35 militares até dezembro de 2022 (AR, 2022).

Na sua globalidade, as informações no TO da RCA evoluíram bastante desde o destacamento do 1º CN na RCA em 2017. Assim, as IM passaram de ser trabalhadas por apenas 2 militares pertencentes à PRTQRF em 2017, para, em 2023, estarem destacados, pelo menos, 24 elementos (1 civil e 23 militares), logicamente contando também com a presença da CIN-RCA.

3.2 Organização do Modelo de IM Português no TO da RCA

Toda a evolução do Modelo de IM Nacional no TO da RCA tem sido alvo de várias alterações, sendo que toda esta evolução culminou no modelo atual.

O Modelo de IM Português presente na RCA é constituído por todos os elementos que trabalham as informações. No TO da RCA estão presentes vários END e FND,

integrados em estruturas de diferentes organizações, nomeadamente as NU e a UE. Este modelo pode ser interpretado conforme o ilustrado na figura n.º 8.

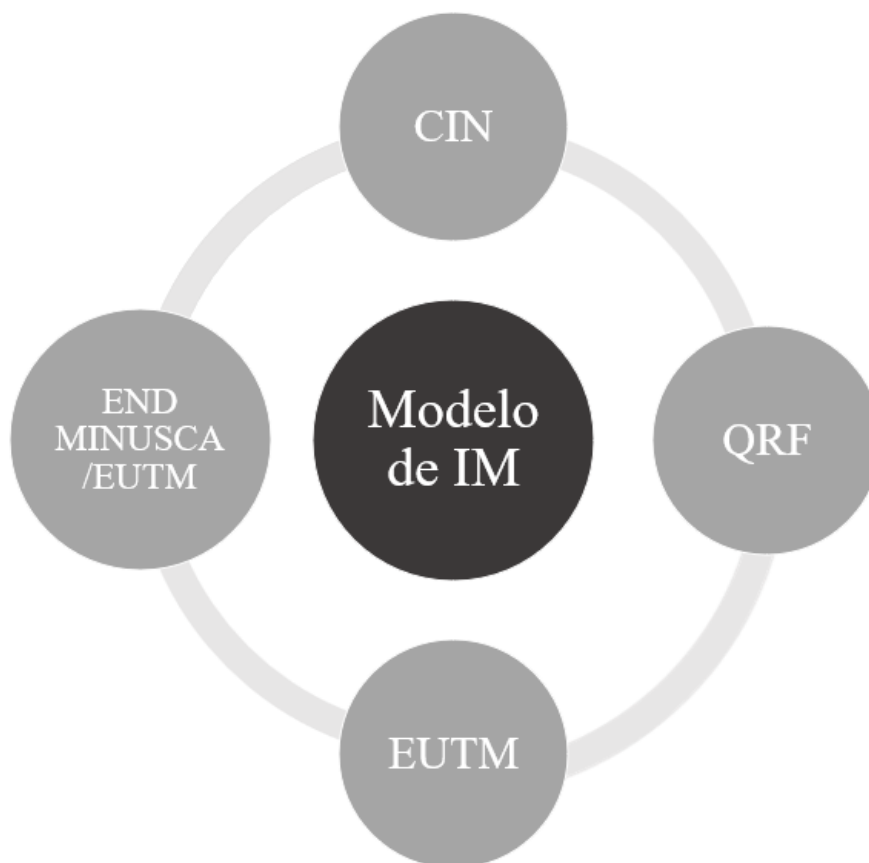


Figura n.º 8 – Modelo de IM Português no TO da RCA

Fonte: Elaboração própria

Importa reiterar que a figura n.º 8 não pretende ilustrar todo o Modelo de IM Português a trabalhar para o TO da RCA, mas sim os elementos desse Modelo que se encontram fisicamente no teatro. Isto porque, efetivamente, também em Portugal há elementos nacionais a trabalhar em coordenação com os END na RCA, nas missões da ONU e UE, na área das informações.

Apesar da CIN-RCA constituir ela própria uma FND com uma missão específica, a ligação com a QRF é constante, podendo, por vezes, ambas beneficiar do trabalho desenvolvido uma da outra. Na verdade, todos os END ou FND que de alguma forma trabalham as informações são atores deste Modelo, beneficiando do trabalho uns dos outros. O Modelo de IM Nacional no TO da RCA acaba por ser relativamente complexo,

tendo em consideração a quantidade considerável de END e FND na RCA. Para além disso, pesa ainda o facto de estes elementos se terem vindo a desmultiplicar ao longo do tempo, variando não só quanto à sua organização como também quanto à quantidade de pessoal envolvido.

Atualmente, do ponto de vista da QRF, o Cmdt tem ao seu dispor a Secção de Informações e o MCI. Por sua vez, o Oficial de Informações coordena a Secção de Informações, a CGPPD e ainda a Secção Mini UAV (apesar desta pertencer à orgânica do Destacamento de Apoio), tal como ilustrado na figura n.º 9.

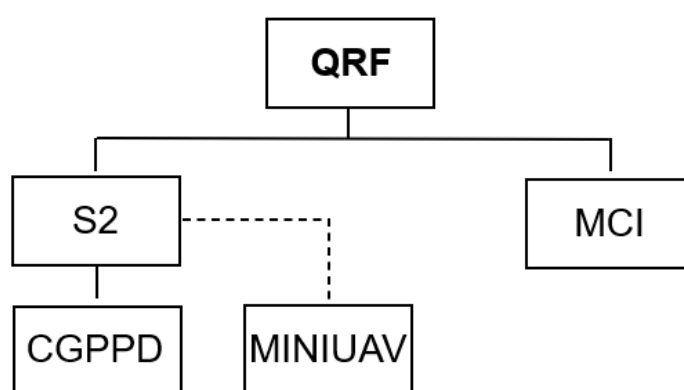


Figura n.º 9 – Estrutura de Informações da PRTQRF MINUSCA em 2023

Fonte: Elaboração própria

3.3 Análise do conteúdo das entrevistas

Com a finalidade de tornar os resultados mais apelativos e facilitar a sua análise e interpretação, os mesmos foram expostos em quadros, agrupando as diferentes respostas obtidas para cada questão. Estes quadros resumem o conteúdo das entrevistas e podem ser consultados nos apêndices D e E.

Relativamente à adequação do Modelo de IM ao TO da RCA, conclui-se que este foi sendo adaptado à medida que foi apresentando falhas. No geral o Modelo de IM tem aumentado, passando a dispor de mais meios e capacidades. Tendo em conta as alterações realizadas ao Modelo, todos os militares entrevistados consideram o Modelo atual adequado às condicionantes do TO da RCA.

De acordo com o Oficial de Informações da 12ª PRTQRF (2023), a constituição atual permite não só aumentar os produtos, mas também a qualidade dos mesmos. De

facto, o modelo mais recente parece estar muito próximo de colmatar as necessidades que foram sentidas ao longo do tempo, demonstrando estar cada vez mais ajustado às necessidades do CN presente no TO da RCA.

Quanto à produção de Informações no TO, a QRF desenvolve a sua atividade maioritariamente recorrendo à Secção de Informações, à CGPPD, à secção MINI UAV e ainda ao MCI. O CPI desenvolve-se de acordo com a figura n.º 10, em que o S2 é o responsável pelas fases da orientação e disseminação e a recolha e processamento são maioritariamente realizados pela CGPPD e MCI. Na fase de recolha de dados é também muito relevante o trabalho desenvolvido pela secção MINI UAV. É também de realçar a informação recebida por parte da estrutura da MINUSCA.



Figura n.º 10 - CPI da PRTQRF no TO da RCA

Fonte: (Morgado, 2023)

Para além destes elementos, em teatro está também destacada uma CIN que se dedica à produção de informações respondendo a requisitos e necessidades específicas sob orientação nacional, no âmbito de uma missão específica ao nível estratégico. Convém reforçar que a CIN não responde diretamente à QRF, mas pode auxiliá-la, e vice-versa. De acordo com o TCor Fernando Machado (2023) todos os atores relacionados com as informações devem ter conhecimento do CPI, “(...) desde as necessidades de pesquisa, até à própria disseminação”.

No que diz respeito à eficiência do Modelo de IM, é unânime a concordância com a importância assumida pelos fatores da otimização dos recursos (humanos, económicos, materiais, tempo, etc), da coordenação entre os variados elementos intervenientes no CPI e ainda dos efeitos provocados pelas informações produzidas. O Oficial de Informações da 11ª PRTQRF (2023) acrescenta ainda que “(...) só é possível alcançar a maior otimização destes recursos e, conseqüentemente, a eficiência do Modelo de IM, com a melhor organização e coordenação entre os vários elementos ligados ao CPI”.

Tendo em conta essa eficiência do Modelo de IM, no geral foram identificados alguns aspetos que podem ser ainda melhorados. Os militares entrevistados apontam maioritariamente para a fraca capacidade de pesquisa e recolha de dados, bem como a coordenação entre os diversos elementos, com grande enfoque na relação da PRTQRF e da CIN-RCA. De acordo com o TCor Machado (2023), a eficiência do modelo das IM é muito afetada pela falta de coordenação entre os diversos atores que desempenham funções nessa área. “Aquilo que muitas vezes acontece é que cada elemento produz a sua própria pesquisa, a sua própria análise e tudo isso são canais diferentes que depois vêm para Portugal. Por um lado, podem coincidir, ou por outro lado podem divergir” (Machado, 2023). O anterior Chefe da CIN-RCA acrescenta ainda que “(...) para um teatro como o da RCA, se calhar tem de ser feito um plano ou uma diretiva específica de coordenação de todos os intervenientes, para que haja transparência, as coisas fluam e funcionem”.

Em relação a ter uma CIN destacada num TO em que esteja também uma outra FND, no geral conclui-se que é vantajoso. O Cmdt da 12ª PRTQRF, TCor Neto (2023), considera vantajosa a presença da CIN, dado o “(...) acesso que esta tem a informação operacional/ estratégica (...)”. Apesar disso, o TCor Machado (2023) reitera que “(...) a CIN não pode ir para ser redundante aos meios da QRF, ou seja, a CIN não pode estar no TO para responder a necessidades de informações ao nível tático que devem ser fornecidas pelos próprios meios orgânicos da QRF”. Depreende-se que, por vezes, alguma falta de conhecimento na área das informações leva a que a CIN seja interpretada como mais uma UCM totalmente ao dispor da QRF, o que, de acordo com os militares entrevistados, não se verifica. Deste modo, a atividade da CIN não se cinge ao domínio das operações militares de uma QRF sendo desenvolvida num âmbito diferente, apesar de não ser alheia à presença de todo o CN no mesmo TO (Machado, 2023).

No caso concreto da RCA a ligação entre a QRF e a CIN foi também evoluindo, sendo que inicialmente se realizava de forma expedita, consoante surgia a necessidade para tal, de parte a parte. A partir de certa altura passaram a realizar-se reuniões de coordenação

de informações, juntando “(...) todos os elementos portugueses em teatro com alguma ligação à área das informações ou que, eventualmente, não estando ligado, tivesse material para partilhar” (Morgado, 2023). Passaram então a realizar-se reuniões mensais, com ligação VTC (*Video-Teleconferencing*) com elementos em Portugal e ainda reuniões semanais, realizadas apenas entre os elementos presentes no TO. Nas FND mais recentes denota-se que a relação entre a QRF e a CIN se estabelece frequentemente, no mínimo semanalmente.

Percebeu-se também que a criação da CIN-RCA se deveu a várias causas. Uma delas foi a necessidade da integração de informações a nível do CN, tentando criar uma *Common Operational Picture*. Para além disso, as autoridades centro africanas fizeram um pedido a Portugal para desenvolver uma cooperação bilateral ao nível das informações. Aliado estes motivos, a presença no TO de uma QRF portuguesa, que desempenhava uma missão reconhecidamente dura e exigente, motivou também o emprego da CIN, com o objetivo de minimizar o número de baixas da força (Machado, 2023).

Assim, é de realçar que a missão da CIN-RCA passa pela produção de informações para apoio à decisão em território nacional, numa perspetiva estratégica. Como segunda prioridade da CIN, neste TO em específico, surge a atenção direcionada à segurança de todo o CN em teatro. Essa atenção não é direcionada apenas para a PRTQRF ou aos END nas missões da EU, mas sim para toda a comunidade portuguesa (Machado, 2023).

De acordo com a grande maioria dos militares entrevistados, a presença da CIN-RCA no TO é considerada uma mais-valia para a FND. O TCor Neto considera a presença da CIN relevante “(...) pela partilha de elementos de informação e inerente análise, permitindo um diversificar de avaliações conducentes à obtenção de Informações credíveis num TO onde abundam os rumores”.

3.4 Lacunas Identificadas

De acordo com os militares entrevistados, foram identificadas algumas lacunas associadas ao Modelo de IM vigente no TO da RCA.

A primeira lacuna identificada está relacionada com a ligação e o conhecimento entre os diversos END. Assim, conclui-se que o conhecimento sobre todo este modelo por parte dos oficiais da PRTQRF da MINUSCA é menor, comparativamente aos oficiais da CIN-RCA. Percebe-se que os membros da CIN-RCA compreendem a atuação da QRF, já o

contrário não se verifica. Este aspeto é considerado uma lacuna pois, a atuação dos diferentes elementos deve ser clara não só para fora, como também entre eles. Se a missão de todos for do conhecimento comum, ou pelo menos partilhada entre os militares em teatro, será mais fácil perceber o que cada um está lá a fazer, qual a sua função e em que aspetos pode ser útil ou necessitar de algum apoio por parte de outro END.

A segunda lacuna identificada prende-se com o modo como efetivamente é operacionalizada a comunicação/ ligação entre os diversos END. De facto, a ligação entre todos os elementos que trabalham na área das informações em teatro é considerada de elevada importância pelos militares que desempenham funções relacionadas com as informações na RCA. Desse modo, a mesma deveria ser considerada de uma forma mais eficiente, mitigando falhas. Segundo o TCor Fernando Machado (2023), “deve ser claro para toda a gente quem faz o quê, como, onde, quando e para quê, para não haver atropelos entre os órgãos”, acrescentando ainda que “mais importante do que definir o que as missões fazem no âmbito das informações, é importante definir o que as missões não fazem nesse âmbito”.

A terceira lacuna identificada diz respeito à Secção MINI UAV, implementada a partir da 12ª QRF. A secção veio substituir o anterior Módulo UAV RAVEN, passando a integrar a orgânica do Destacamento de Apoio, deixando de estar na alçada da Secção de Informações da QRF.

A quarta lacuna identificada diz respeito à fase da pesquisa de dados do CPI. No geral, os militares entrevistados identificaram falhas na capacidade de pesquisa e recolha de dados por parte da força, sendo descrita como “(...) uma capacidade de pesquisa muito reduzida e muito pouca capacidade enquanto órgão sensorial” (Morgado, 2023). Para além disso, “(...) os sensores existentes no TO não são em elevado número, estando sempre presente a problemática “credibilidade”, ultrapassada, em parte, pela confrontação de fontes” (Pinto, 2023). No âmbito desta lacuna, Machado (2023) realça ainda que “(...) a pesquisa de informações não é ter acesso a relatórios de informações já feitos, é ir a fontes primárias buscar informação para depois produzir análise”.

CAPÍTULO 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Modelo de IM Português no TO da RCA

A evolução do Modelo em estudo tem sido tão evidente quanto complexa. De facto, o TO da RCA, para além de ter uma grande complexidade associada, conta com a participação de END integrados em diferentes missões. Desta forma, não se pode falar da estrutura portuguesa de IM presente na RCA, mas sim de um Modelo de IM Nacional. Neste Modelo, os seus elementos interagem entre si, apoiando-se mutuamente mediante as suas possibilidades. A investigação foi conduzida tendo especial atenção à interação entre a CIN-RCA e a PRTQRF, dentro desse Modelo.

A 1ª PRTQRF foi destacada em 2017, tendo desde logo identificado uma grande lacuna na estrutura da MINUSCA na área das informações. Esta lacuna é automaticamente dilatada a partir do momento em que a força portuguesa é uma QRF, não tendo uma área ou setor atribuído e podendo ter de operar em qualquer ponto da RCA (um país com dimensões relativamente grandes, onde a rede estradal é tão reduzida como a noção de segurança).

De facto, constata-se que a estrutura da MINUSCA apresenta muitas debilidades ao nível das informações. Nas missões das NU as informações são trabalhadas de forma diferente da NATO, sendo que até a própria doutrina é um fator diferenciador. Para além disso, salienta-se a falta de conhecimento e formação na área das informações por parte dos organismos de recolha de informação da MINUSCA. Apesar da MINUSCA estar presente ao longo de todo o território da RCA, é evidente que a sua estrutura não tem capacidade para colmatar as necessidades exigidas ao nível das informações.

Como forma de combater esta debilidade por parte da MINUSCA, o CN presente na RCA foi evoluindo gradualmente, disponibilizando cada vez mais recursos em teatro. Assim, ao longo dos anos a PRTQRF foi aumentando o seu efetivo direcionado para o trabalho das informações. De acordo com os militares que desempenharam recentemente funções na área das informações no TO da RCA, a fase de recolha de informação tem ainda espaço para poder melhorar. Foram apontadas falhas à capacidade sensorial e de aquisição da força portuguesa, deixando em aberto a eventual necessidade de serem devidamente compreendidas e conseqüentemente colmatadas da melhor forma possível.

Quanto aos processos de produção de informações, percebe-se que dentro do Modelo de IM Nacional, cada elemento produz as suas informações. O CPI desenvolvido pela PRTQRF desenvolve-se de acordo com a divisão de tarefas, consoante as 4 fases fundamentais, mediante os elementos disponíveis para trabalharem as informações dentro da força (Secção de Informações, CGPPD, Secção MINI UAV e MCI). Ao nível do Modelo de IM Nacional no TO da RCA, os diferentes elementos partilham produtos desenvolvidos individualmente, sendo a QRF um desses elementos. É também de salientar a necessidade imperativa de criar um plano ou mecanismo que articule os diversos elementos deste Modelo, coordenando as relações estabelecidas.

4.2 CIN-RCA

A CIN-RCA demonstra ser um acréscimo bastante positivo ao TO específico da RCA, tendo também em consideração todos os restantes END e FND na RCA. Deve ser encarada como o elemento aglutinador das informações recolhidas pelos diferentes sensores portugueses no TO, vocacionada para o nível estratégico das informações. O seu foco não é servir a PRTQRF, pois esta encontra-se integrada numa estrutura própria (MINUSCA) que deveria estar preparada para dar resposta e proporcionar o apoio necessário à condução das respetivas operações, nomeadamente no que toca aos diferentes níveis das informações.

Em suma, a presença da CIN-RCA favorece a missão da QRF, e vice-versa. É uma peça essencial, no entanto, não deve ser confundida com outras peças. A sua prioridade não é o apoio a uma força em específico. A CIN é uma FND, tal como a QRF. A CIN tem uma missão e a QRF tem outra missão distinta. Eventualmente, no desempenhar das suas funções, ambas poderão beneficiar do trabalho desenvolvido de parte a parte, mas esse não deverá ser o *modus operandi*.

4.3 Propostas de soluções às lacunas identificadas

Neste subcapítulo são propostas algumas eventuais soluções às lacunas apresentadas anteriormente em 3.4. Nesse sentido, estas propostas enunciadas, mais do que virem a ser efetivamente utilizadas, visam sensibilizar para a necessidade de corrigir alguns aspetos relacionados com as informações no TO da RCA.

Quanto à primeira lacuna apresentada, sugere-se que, na fase de aprontamento para a missão, determinados elementos da força sejam informados e esclarecidos sobre o Modelo de IM presente no TO, bem como as suas dinâmicas associadas. Todos os militares que desempenhem funções na área das informações deveriam receber este conhecimento, nomeadamente o Cmdt da Força, o Oficial de Informações, o Chefe da CGPPD e ainda o Chefe do MCI. Esclarecer a missão de cada ator relacionado com as informações é uma necessidade que urge para os militares que desempenham esta função, nomeadamente no que toca à CIN-RCA.

No que diz respeito à segunda lacuna apresentada, logicamente que a ligação entre todas as peças que constituem o Modelo de IM no TO da RCA assenta muito na base da comunicação entre pessoas. Deste modo, deve ter-se em atenção o facto de que esta ligação pode ser afetada se o relacionamento entre os militares não for, por alguma razão, tão bom. A ligação entre estes atores não pode ser deixada ao livre-arbítrio desses mesmos atores, pois assim, eventualmente pode ser prejudicada. Nessa conjuntura, deve ser criado um plano ou uma diretiva de integração das informações que defina especificamente as atividades desenvolvidas entre os diversos atores das informações em teatro. Esse documento deve estar escrito, definindo o modelo de emprego das informações nacionais no TO específico da RCA.

Relativamente à terceira lacuna apresentada, sugere-se que a Secção MINI UAV passe a estar novamente organicamente integrada na Secção de Informações. Sendo que a mesma é maioritariamente coordenada pelo oficial de informações, faz todo o sentido estar sob a alçada do mesmo. O anterior Módulo UAV RAVEN, que no fundo, era a mesma ferramenta, mas com menos recursos, estava na dependência do oficial de informações. Desse modo, facilitaria a coordenação e otimização do emprego destes recursos na pesquisa de informação, consoante as necessidades requeridas.

A quarta lacuna apresentada deverá passar por, antes de mais, perceber em concreto quais são as principais necessidades existentes no âmbito da recolha de informação. Deverá ser feito um estudo junto das QRF mais recentes com o intuito de esclarecer como pode ser efetivamente aprimorada a capacidade sensorial e de pesquisa da força.

CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Considerando todo o trabalho de investigação desenvolvido na elaboração do presente TIA, neste capítulo são apresentadas as conclusões do mesmo.

Deste modo, torna-se necessário recapitular aqueles que foram os pilares fundamentais na orientação do foco de toda a investigação e que sempre estiveram em cima da mesa: os objetivos da investigação. Lembra-se assim o OG do trabalho que é: *Analisar o Modelo de IM no TO da RCA*. Deste discorreu toda a investigação, que seguiu sempre as linhas orientadoras da QC, imperativamente associada ao OG do trabalho. Assim, a QC materializou-se da seguinte forma: ***De que modo o Modelo de IM implementado na RCA pode ser mais eficiente no apoio às FND?***

Procurando uma resposta completa e sustentada, foram definidos os OE. Estes pretendem explicitar aqueles que são os detalhes do OG a ter em atenção, limitando-o e definindo quais os pontos estudados relativamente ao mesmo. Desta forma, considera-se também pertinente lembrar os OE definidos para a investigação: *1. Caraterizar o Modelo de IM no TO da RCA; 2. Analisar os processos de produção de Informações implementados no Modelo de IM na RCA; 3. Avaliar de que modo a eficiência do modelo de IM pode ser melhorada*. Estes OE desempenharam um papel fulcral, tendo sido indispensáveis ao caminho percorrido ao longo de toda a investigação. Associados aos OE, surgem também as QD.

Respondendo à QD n.º 1, ***Qual a organização do Modelo de IM no TO da RCA?***, conclui-se que, o mesmo é bastante complexo, tendo já sido sujeito a diferentes alterações que foram sendo promovidas ao longo do tempo. Na verdade, este Modelo não está devidamente estruturado, sendo constituído por END no TO da RCA que trabalham as informações. Atualmente o mesmo é constituído pelos vários END nas diferentes missões presentes no TO da RCA, integradas em diferentes organizações internacionais (UE e NU). Em concreto, estes elementos são maioritariamente militares portugueses que integram as estruturas da MINUSCA, da EUTM e ainda de uma CIN destacada em teatro. A CIN-RCA desempenha um papel fundamental no âmbito deste Modelo de IM, por um lado atuando como elemento aglutinador das informações recolhidas por todos os sensores portugueses no TO, e por outro lado atuando ela própria como sensor, estabelecendo uma relação com as entidades da RCA.

Relativamente à QD n.º 2, *Quais os processos de produção de informações implementados no Modelo de IM na RCA?*, é importante realçar que não se pode falar apenas de um processo instituído em todo o Modelo. Os vários elementos integrantes deste Modelo produzem informações individualmente, sendo estas posteriormente partilhadas com os restantes elementos, através dos canais próprios instituídos. Neste contexto é também de elevada relevância o papel desempenhado pela CIN-RCA, contribuindo para a criação de uma *Common Operational Picture*, de acordo com as informações produzidas pelos END. Devido ao facto de as informações disponibilizadas pela estrutura da MINUSCA não serem suficientes nem fidedignas, o processo de produção de informações da PRTQRF tem evoluído constantemente. Sendo a PRTQRF da MINUSCA o END no TO da RCA com maiores dimensões a nível de recursos disponíveis, esta trabalha as IM de acordo com o CPI preconizado pela NATO (dividido em 4 fases). Dentro da PRTQRF o CPI é operacionalizado por elementos como o MCI, a Secção de Informações, a CGPPD e ainda a Secção MINI UAV.

Por fim, quanto à QD n.º 3, *Quais as lacunas identificadas na eficiência do Modelo de IM na RCA?*, percebe-se que as principais falhas identificadas estão relacionadas com a comunicação e coordenação entre os diferentes elementos do respetivo Modelo. Para além disto, foi também identificada uma certa falta de consciência coletiva relativamente à necessidade da presença dos vários elementos deste Modelo. Concretamente, entende-se que a missão da CIN-RCA não é ainda corretamente interpretada até pelos próprios militares que desempenham funções na área das informações no TO da RCA. Foram ainda identificadas lacunas relativamente à capacidade de pesquisa dos diferentes END em teatro.

Naturalmente, a resposta à QC pressupõe alterações ao Modelo de IM Português presente no TO da RCA. A investigação conduzida revelou que esta é uma resposta complexa, dada a dimensão daquele que foi o seu objeto de estudo. Assim, conclui-se que para melhorar a eficiência do Modelo de IM Português presente no TO da RCA podem ser consideradas mais algumas alterações. Destaca-se a necessidade de criar um documento que regule a atuação dos diferentes elementos em teatro que trabalham as informações, definindo prioridades entre os mesmos, canais de comunicação entre todos e torne também claro o que não é da competência de determinado ator. Desta forma, seria proporcionada uma melhor integração das informações produzidas em teatro, clarificando o raio de ação de cada elemento. Os meios e recursos disponíveis seriam, desse modo, direcionados para a missão específica de cada ator, evitando a redundância ou a possibilidade de determinado

ator cumprir tarefas fora do âmbito da sua missão atribuída. Naturalmente, quanto mais extenso for o Modelo de IM e mais elementos lhe estiverem associados, maior será o grau de dificuldade em promover a sua eficiência.

Como limitações da investigação considera-se fundamental referir a pouca quantidade de trabalhos realizados de acordo com o mesmo objeto de estudo. O facto do tema do trabalho ser extremamente atual, nomeadamente no que concerne a um TO ainda em aberto é um fator limitador no acesso à informação. Por outro lado, a caracterização da amostra estudada limitou os resultados da investigação, tendo sido certamente divergentes, caso o trabalho de campo fosse realizado junto de militares que desempenharam outras funções no TO.

Recomenda-se, em investigações futuras, tendo em vista o interesse nacional, estudar a evolução da capacidade de pesquisa da PRTQRF da MINUSCA, a importância da CGPPD ou do MCI para a operacionalização do CPI da PRTQRF ou ainda o apoio ao nível das informações desde Portugal para as FND em teatro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assembleia da República [AR]. (2015). Decreto-Regulamentar n.º 13/2015 de 31 de julho: Aprova a Orgânica do Estado-Maior-General das Forças Armadas. *Diário da República*, 1ª série, n.º 148, 5275 – 5295.
- Assembleia da República [AR]. (2017). Portaria n.º 29/2017 de 31 de janeiro: Missão da ONU na República Centro Africana - United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic – MINUSCA. *Diário da República*, 2ª série, n.º 22, 2182 – 2182.
- Assembleia da República [AR]. (2020). Portaria n.º 594/2020 de 2 de outubro: Participação nacional de uma célula de informações nacional na República Centro Africana. *Diário da República*, 2ª série, n.º 193, 53 – 53.
- Assembleia da República [AR]. (2021). Portaria n.º 81/2021 de 17 de fevereiro: Participação nacional de uma célula de informações nacional na República Centro Africana. *Diário da República*, 2ª série, n.º 33, 29 – 29.
- Assembleia da República [AR]. (2022a). Decreto-lei n.º. 19/2022 de 24 de janeiro: Lei Orgânica do EMGFA. *Diário da República*, 1ª série, n.º 16, 3 - 97.
- Assembleia da República [AR]. (2022b). Portaria n.º 392/2022 de 25 de março: Participação nacional de uma célula de informações nacional na República Centro Africana. *Diário da República*, 2ª série, n.º 60, 77 – 77.
- Assembleia da República [AR]. (2022c). Portaria n.º 745/2022 de 7 de novembro: Participação nacional na European Union Training Mission in Central African Republic (EUTM RCA). *Diário da República*, 2ª série, n.º 214, 27 – 27.
- Assembleia da República [AR]. (2023). Portaria n.º 107/2023 de 2 de março: Participação nacional de uma célula de informações nacional na República Centro Africana. *Diário da República*, 2ª série, n.º 44, 31 – 31.
- Central Intelligence Agency [CIA] (2023). *The World FactBook*. Acedido a 28 de março de 2023 em <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/central-african-republic/#introduction>
- Enciclopédia Global. (2023). República centro Africana. In Enciclopédia Global. Acedido em 10 de março de 2023, em: <https://www.megatimes.com.br/2018/04/republica-centro-africana.html>

- Exército Português. (2009). *PDE 2.00 - Informações, Contrainformação e Segurança*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Fonseca, D. M. V. (2014). *A Globalização e a Necessidade de Conhecer – As Informações Militares na Democracia Portuguesa*. Tese para obtenção do Grau de Doutor em Sociologia, Universidade de Évora, Évora.
- Håkansson, A. (2013). Portal of Research Methods and Methodologies for Research Projects and Degree Projects. In Hamid R. Arabnia Azita Bahrami Victor A. Clincy Leonidas Deligiannidis George Jandieri (ed.), *Proceedings of the International Conference on Frontiers in Education: Computer Science and Computer Engineering FECS'13* (pp.67-73). Las Vegas USA: CSREA Press U.S.A.
- Hoogstraten, J. S. F., O'Toole, T. E. & Giles-Vernick, T. L. (2023). Central African Republic. In Encyclopedia Britannica. Acedido em: <https://www.britannica.com/place/Central-African-Republic>
- Kent, S. (1965). *Strategic Intelligence for American World Policy*. Hamden, Connecticut: Archon Books.
- Medeiros, G. N., Cardoso, R. P., Barata, A. M. & Soares, C. M. (2018). *As Forças terrestres na República Centro Africana, o Caso Português*. Trabalho de Investigação de Grupo do Curso de Promoção a Oficial Superior EXE A/S, Instituto Universitário Militar, Pedrouços.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2018). Diretiva N.º 18/BrigRR/18. Plano de Aprontamento da 5ªFND(Conj)/MINUSCA. Tancos.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2019). Diretiva N.º 04/BrigRR/19. Plano de Aprontamento da 6ªFND(Conj)/MINUSCA. Tancos.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2020a). Diretiva N.º 01/BrigRR/20. Plano de Aprontamento da 8ªFND(Conj)/MINUSCA. Tancos.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2020b). Diretiva N.º 09/BrigRR/20. Plano de Aprontamento da 9ªFND(Conj)/MINUSCA. Tancos.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2021a). Diretiva N.º 03/BrigRR/21. Plano de Aprontamento da 10ªFND(Conj)/MINUSCA. Tancos.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2021b). Diretiva N.º 18/BrigRR/21. Programa de Aprontamento da 11ªFND(Conj)/MINUSCA. Tancos.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2022a). Diretiva N.º 19/BrigRR/22. Programa de Aprontamento da 12ªQRF/MINUSCA. Tancos.

- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2022b). Diretiva N.º 30/BrigRR/22. Programa de Aprontamento da 13ªQRF/MINUSCA. Tancos.
- Mouta, L. M. S. R. (2021). *As Células de Informações Militares e o seu contributo para a Comunidade de Interesse das Informações e Segurança Militares*. Trabalho de Investigação Individual do Curso de Estado-Maior Conjunto 2020/2021, Instituto Universitário Militar, Pedrouços.
- NATO, (2020). *AJP-2 – Allied Joint Doctrine for Intelligence, Counter-Intelligence and Security*. Bruxelas: NATO Standardization Office.
- NATO, (2021). *AAP-06 - NATO Glossary of Terms and Definitions*. Bruxelas: NATO Standardization Office.
- Oliveira, D. F. (2020). *O impacto da recolha de Informações na eficiência da conduta das operações militares em ambientes urbanos no Teatro de Operações da República Centro Africana*. Trabalho de Investigação Aplicada, Academia Militar, Lisboa.
- ONU. (2014a) Resolução n.º 2149/2014 de 10 de abril de 2014: Resolução 2149. Acedido em <https://minusca.unmissions.org/en/security-council-resolutions?page=1>
- ONU. (2014b). Relatório n.º S/2014/142 de 3 de março de 2014: Relatório do Secretário-Geral sobre a República Centro Africana. Acedido em http://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/s_2014_142.pdf
- ONU. (2017). Relatório de 19 de dezembro de 2017: Improving Security of United Nations Peacekeepers: We need to change the way we are doing business.
- ONU. (2022). Resolução n.º 2659/2022 de 14 de novembro de 2022: Resolução 2659. Acedido em <https://minusca.unmissions.org/en/security-council-resolutions>
- ONU. (2023). Relatório n.º S/2023/108 de 16 de fevereiro de 2023: Relatório do Secretário-Geral sobre a República Centro Africana. Acedido em <https://minusca.unmissions.org/en/secretary-general-reports>
- Rêgo, N. J. M. (2018). As Informações na NATO – Contextualização de um Choque Doutrinário e Estrutural. *Revista de Ciências Militares*. VI(1), 105-133.
- Reis, F. L. (2018). *Investigação Científica e Trabalhos Académicos - Guia Prático*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Sancha, J. C., Isidoro, J. A., Brito, R. G., Parreiras, A. M., & Silva, C. M. (2019). O Sistema de Informações do Exército Português: atualidade e perspetivas de emprego. Lisboa: Coleção ARES 33, IUM.

- Santos, L. A. B., & Lima, J. M. M. (Coord.) (2019). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação* (2ªed., revista e atualizada). Cadernos do IUM, 8. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Silva, A. M. (2006). *A Informação, Da compreensão do fenómeno e construção do objeto científico*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, A. M. & Ribeiro, F. (2010). *Recursos de Informação – Serviços e Utilizadores* (1.ª Edição). Lisboa: Universidade Aberta.
- Silva, C. M. (2018). *As informações Militares – Um instrumento de Segurança e Defesa Nacional*. Trabalho de Investigação Individual do Curso de Estado-Maior Conjunto, Instituto Universitário Militar, Pedrouços.
- Silva, C. & Ribeiro, F. (2018). As informações Militares – Um instrumento de Segurança e Defesa Nacional. *Revista de Ciências Militares*. VI(2), 145-175.
- Silva, M. F. (2020). *O Conflito na República Centro-Africana e a Responsabilidade de Proteger – Desenvolvimento da Operação MINUSCA*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Relações Internacionais, Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- UE, (2021a). European Union Advisory Mission in the Central African Republic (EUAM RCA). In *EUAM RCA official website*. Acedido em https://www.eeas.europa.eu/euam-rca_en?s=3344
- UE, (2021b). European Union Training Mission in the Central African Republic (EUTM RCA). In *EUTM RCA official website*. Acedido em <https://www.eeas.europa.eu/eutm-rca>
- US Joint Force Command, (2013). *JP 2-0, Joint Intelligence*, USA: Joint Chiefs of Staff.

APÊNDICES

**APÊNCIDE A – GUIÃO DA ENTREVISTA AOS COMANDANTES E
S2 DAS FNDs**



ACADEMIA MILITAR

**AS INFORMAÇÕES MILITARES NO TEATRO DE OPERAÇÕES DA
REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA:**

**AS CÉLULAS DE INFORMAÇÕES NO APOIO ÀS
FORÇAS NACIONAIS DESTACADAS**

Trabalho de Investigação Aplicada do Curso de Ciências Militares,
na especialidade de Cavalaria

Guião de Entrevista

Autor: Aspirante de Cavalaria José Francisco Silva

Lisboa, 2023

Preâmbulo de orientação:

Exmo. Sr. Oficial,

A presente entrevista surge no âmbito da realização de uma investigação para conclusão do mestrado integrado em Ciências Militares da Academia Militar, estando subordinada ao tema *As Informações Militares no Teatro de Operações da República Centro Africana: As Células de Informações no apoio às Forças Nacionais Destacadas*.

O Objetivo Central do estudo passa por perceber de que modo pode o Modelo de IM implementado na RCA ser melhorado, segundo a perspetiva da sua eficiência. Nesse seguimento, os Objetivos Específicos do trabalho passam por: (1) Caracterizar o Modelo de IM no TO da RCA; (2) Analisar os processos de produção de Informações implementados no modelo de IM na RCA; (3) Avaliar de que modo a eficiência do Modelo de IM pode ser melhorada. Esta entrevista é direcionada aos anteriores Comandantes da QRF da MINUSCA, bem como aos Oficiais de Informações (S2) da mesma FND.

Nesta conformidade, apresentam-se abaixo um conjunto de questões com vista a contribuir para um melhor entendimento do tema abordado no estudo, para o qual a sua colaboração é considerada essencial.

Desde já, obrigado pela disponibilidade e tempo despendido.

Com os melhores cumprimentos,

ASP CAV José Francisco Silva

Guião de Entrevista

Identificação do Entrevistado:

Nome	
Posto	
Função Atual	
Função desempenhada no TO	
Período em que esteve no TO	

Questões

Secção 1 – Modelo de IM

1. Como estava organizado o Modelo de IM no TO da RCA? (Elementos constituintes)

R:

2. Considera que o Modelo de IM era adequado às condicionantes do TO da RCA ou poderia, de alguma forma, ser adaptado (por exemplo aumentado/encurtado)?

R:

3. Considera que a otimização dos recursos (humanos, económicos, materiais, tempo, etc) dentro desse Modelo de IM se realizava de forma eficiente ou poderia ser melhorada? Se sim, como?

R:

4. Considera que a comunicação/ ligação dentro desse Modelo de IM se realizava de forma eficiente ou poderia ser melhorada? Se sim, como?

R:

5. Como eram produzidas as informações no TO da RCA?

R:

6. Considera que a otimização dos recursos (humanos, económicos, materiais, tempo, etc), a coordenação entre os variados elementos intervenientes no CPI e os efeitos provocados pelas informações produzidas são fatores importantes para a eficiência de um Modelo de IM? Considera mais algum relevante?

R:

7. Segundo os indicadores da otimização dos recursos, da coordenação entre os intervenientes e dos efeitos produzidos pelas informações, que alterações ao Modelo de IM considera pertinentes, tendo em vista uma maior eficiência na produção de informações no TO da RCA?

R:

Secção 2 – CIN-RCA

1. Que vantagens identifica em destacar uma CIN num TO onde esteja também presente uma FND?

R:

2. Qual era a relação/ ligação existente entre a CIN-RCA e a FND? Como era estabelecida?

R:

3. Considera que no TO da RCA a presença da CIN-RCA constitui uma mais-valia à FND? Porquê?

R:

Secção 3 – Sugestões e Comentários finais

1. No âmbito do tema do presente estudo e tendo em conta os objetivos da investigação, considera pertinente acrescentar algum contributo ou comentário?

R:

Fim

**APÊNCIDE B – GUIÃO DA ENTREVISTA AOS CHEFES DA
CIN-RCA**



ACADEMIA MILITAR

**AS INFORMAÇÕES MILITARES NO TEATRO DE OPERAÇÕES DA
REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA:**

**AS CÉLULAS DE INFORMAÇÕES NO APOIO ÀS
FORÇAS NACIONAIS DESTACADAS**

Trabalho de Investigação Aplicada do Curso de Ciências Militares,
na especialidade de Cavalaria

Guião de Entrevista

Autor: Aspirante de Cavalaria José Francisco Silva

Lisboa, 2023

Preâmbulo de orientação:

Exmo. Sr. Oficial,

A presente entrevista surge no âmbito da realização de uma investigação para conclusão do mestrado integrado em Ciências Militares da Academia Militar, estando subordinada ao tema *As Informações Militares no Teatro de Operações da República Centro Africana: As Células de Informações no apoio às Forças Nacionais Destacadas*.

O Objetivo Central do estudo passa por perceber de que modo pode o Modelo de IM implementado na RCA ser melhorado, segundo a perspetiva da sua eficiência. Nesse seguimento, os Objetivos Específicos do trabalho passam por: (1) Caracterizar o Modelo de IM no TO da RCA; (2) Analisar os processos de produção de Informações implementados no modelo de IM na RCA; (3) Avaliar de que modo a eficiência do Modelo de IM pode ser melhorada. Esta entrevista é direcionada aos anteriores Chefes de Células de Informações Nacionais na República Centro Africana.

Nesta conformidade, apresentam-se abaixo um conjunto de questões com vista a contribuir para um melhor entendimento do tema abordado no estudo, para o qual a sua colaboração é considerada essencial.

Desde já, obrigado pela disponibilidade e tempo despendido.

Com os melhores cumprimentos,

ASP CAV José Francisco Silva

Guião de Entrevista

Identificação do Entrevistado:

Nome	
Posto	
Função Atual	
Função desempenhada no TO	
Período em que esteve no TO	

Questões

Secção 1 – Modelo de IM

1. Como estava organizado o Modelo de IM no TO da RCA (Elementos constituintes)?
Como se inseria a CIN-RCA nesse Modelo?

R:

2. Considera que o Modelo de IM era adequado às condicionantes do TO da RCA ou poderia, de alguma forma, ser adaptado (por exemplo aumentado/encurtado)?

R:

3. Considera que a otimização dos recursos (humanos, económicos, materiais, tempo, etc) dentro desse Modelo de IM se realizava de forma eficiente ou poderia ser melhorada?
Se sim, como?

R:

4. Considera que a comunicação/ ligação dentro desse Modelo de IM se realizava de forma eficiente ou poderia ser melhorada? Se sim, como?

R:

5. Considera que a otimização dos recursos (humanos, económicos, materiais, tempo, etc), a coordenação entre os variados elementos intervenientes no CPI e os efeitos provocados pelas informações produzidas são fatores importantes para a eficiência de um Modelo de IM? Considera mais algum relevante?

R:

6. Segundo os indicadores da otimização dos recursos, da coordenação entre os intervenientes e dos efeitos produzidos pelas informações, que alterações ao Modelo de IM considera pertinentes, tendo em vista uma maior eficiência na produção de informações no TO da RCA?

R:

Secção 2 – CIN-RCA

1. Que vantagens identifica em destacar uma CIN num TO onde esteja também presente uma FND?

R:

2. Quais foram as causas que levaram a que a CIN-RCA fosse empregue?

R:

3. Qual era a missão da CIN-RCA?

R:

4. Qual era a relação/ ligação existente entre a CIN-RCA e a FND? Como era estabelecida?

R:

5. Considera que no TO da RCA a presença de uma CIN constitui uma mais-valia à FND? Porquê?

R:

Secção 3 – Sugestões e Comentários finais

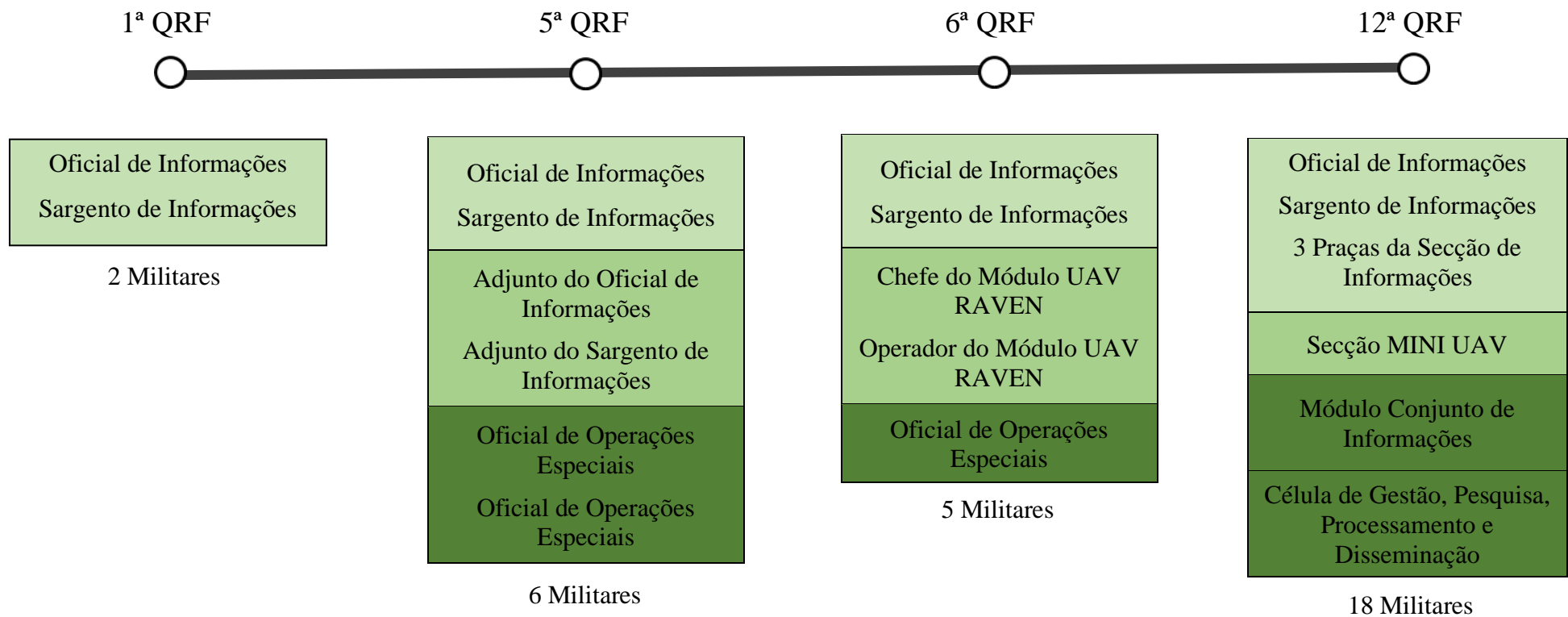
1. No âmbito do tema do presente estudo e tendo em conta os objetivos da investigação, considera pertinente acrescentar algum contributo ou comentário?

R:

Fim.

APÊNCIDE C – EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DAS INFORMAÇÕES DA PRTQRF

Figura n.º 11 – Evolução da Estrutura das Informações da PRTQRF



Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE D – APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS AOS CMDTs E S2

Quadro n.º 7 – Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 1

Entrevistado	Secção n.º 1 - Questão n.º 1: Como estava organizado o Modelo de IM no TO da RCA? (Elementos constituintes)
E1	<p>“A QRF, no que diz respeito ao Modelo de IM, tinha na sua dependência uma Secção de Informações, Chefe da Célula de Apoio às Informações e Equipa Mini-UAV (Chefe da Equipa e Operador Mini-UAV) e pelo MCI, constituído por um Chefe do Módulo e quatro Operadores. Na RCA, para além dos elementos de IM do escalão superior (QG da MINUSCA) existia ainda uma CIN, responsável por transmitir para Território Nacional todas as Informações consideradas pertinentes.</p> <p>01 Oficial de Informações – Major 01 Sargento de Informações – Sargento-Ajudante 01 Chefe da Célula de Apoio às Informações – Capitão 01 Chefe da Equipa Mini-UAV – Primeiro-Sargento 01 Operador Mini-UAV – Cabo 01 Chefe do MCI – Capitão FAP 04 Operadores do MCI – Sargento-Mor EXE, Sargento-Ajudante EXE, Primeiro-Sargento FAP e Cabo MAR.”</p>
E2	<p>“A Secção de Informações é composta pelo S2 (Oficial e Sargento de Informações) e pela CGPPD (um oficial, como chefe da célula, e três sargentos). As praças da Secção não estão a ser contabilizadas uma vez que não têm participação na produção de produtos (são 3).”</p>
E3	<p>“A Secção de Informações (S2) da 11ªFND(Conj)/MINUSCA, encontrava-se organizada da seguinte forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Oficial de Informações (Maj); • Sargento de Informações (SAj); • Chefe da Célula de Apoio às Informações (Cap); • Chefe de Equipa Mini <i>Unmanned Aerial Vehicle</i> (UAV) (1ºSarg); • Condutor / Operador Mini UAV (1ºCab). <p>Acresce referir que a 11ªFND(Conj)/MINUSCA, enquanto PRTQRF, foi a primeira a dispor de um MCI do EMGFA, sob direta dependência do Cmdt da FND, organizado da seguinte forma:</p>

	<ul style="list-style-type: none"> • Chefe (Cap); • Operador (SMor); • Operador (SAj); • Operador (1ºSarg); • Operador (Cab). <p>Fora da dependência da FND PRTQRF, encontrava-se no TO, além de END a trabalhar na área das Informações do FHQ/MINUSCA, uma CIN.”</p>
E4	<p>“Secção de Informações (S2) da Força com CGPPD da Informação integrada. Um MCI integrado na Força.</p> <p>Concomitantemente, uma CIN, não integrada na Força.”</p>

Quadro n.º 8 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 2

Entrevistado	<u>Secção n.º 1 - Questão n.º 2: Considera que o Modelo de IM era adequado às condicionantes do TO da RCA ou poderia, de alguma forma, ser adaptado (por exemplo aumentado/encurtado)?</u>
E1	“O Modelo de IM tem vindo a sofrer grandes alterações nos últimos anos, com uma tendência de aumento, pelo que considero o Modelo atual adequado.”
E2	“Apesar da Secção ter esta constituição, existem ainda outros contribuintes, diretos ou indiretos, para a criação de produtos, nomeadamente, o MCI e a CIN, mas que não dependem nem estão na alçada do S2. A secção tem vindo a sofrer várias alterações ao longo das missões, tendo já sido extintas algumas funções (Célula de Apoio às Informações – Operações Especiais, da qual fui chefe de célula em 2020) e criadas outras (CGPPD). Neste caso, terá sofrido um aumento. Desta forma, neste momento, a corrente estrutura da célula permite produzir vários documentos e estudos devido às capacidades da CGPPD, uma vez que, dispõem de elementos com capacidade GEOINT, HUMINT e OSINT. Posto isto, a constituição atual permite aumentar os produtos, mas também a qualidade destes.”
E3	“A 11ªFND(Conj)/MINUSCA, sendo a 1ª Força a dispor de um MCI, num TO peculiar, foi criado um Modelo de forma a rentabilizar os recursos, fazendo face às necessidades de Informação. Perante as valências existentes, a componente de Informações da PRTQRF (integrando S2 e MCI) adotou a seguinte organização:

E4	<p>“Dado o recente aumento em capacidades e efetivo, considero adequado o atualmente existente.”</p>

Quadro n.º 9 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 3


Entrevistado	<p>Secção n.º 1 - Questão n.º 3: Considera que a otimização dos recursos (humanos, económicos, materiais, tempo, etc) dentro desse Modelo de IM se realizava de forma eficiente ou poderia ser melhorada? Se sim, como?</p>
E1	<p>“As alterações que têm sido efetuadas à constituição do Modelo de IM, neste TO, obrigam a uma adaptação dos processos, sendo que os mesmos dificilmente são implementados instantaneamente. Neste sentido, a ligação entre a Secção de Informações e o MCI poderá ser melhorada, bem como a relação entre os elementos da CIN com a QRF.”</p>
E2	<p>“Penso que neste momento não carece de grandes alterações.”</p>
E3	<p>“O Modelo de Informações contou organicamente com 10 militares, sendo que este efetivo foi incrementado para 15 militares (12ª FND). Adicionalmente, as FFAA contam ainda com uma CIN no TO e END integrados em estruturas de informações da MINUSCA. Este efetivo não se traduz necessariamente em melhor apoio à tomada de decisão, ou às operações, porque os sensores no TO são os mesmos. Se na 11ªFND houve a necessidade de proceder a ajustes, face á existência do MCI, o próximo incremento careceria de confirmação da consequência e modo de emprego deste. Assim, perceciono que algumas capacidades existentes na 11ªFND (nomeadamente MCI), sejam redundantes com as capacidades da CGPPD de Informações, que constitui incremento da Função de Combate Informações na 12ªFND.”</p>

E4	<p>“Dada a missão genérica, enquanto Unidade de Reserva – QRF – do Cmdt de Teatro, e com uma área de possível empenhamento coincidente com a totalidade do território da RCA, considero como pouco ótima a análise de informações ao nível de Teatro. Todavia, para uma Operação específica, com área de responsabilidade mais circunscrita, considero que a otimização de recursos e a eficiência do Modelo de IM existente se verificaria.”</p>
----	---

Quadro n.º 10 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 3

Entrevistado	<p>Secção n.º 1 - Questão n.º 4: Considera que a comunicação/ ligação dentro desse Modelo de IM se realizava de forma eficiente ou poderia ser melhorada? Se sim, como?</p>
E1	<p>“Considero que poderá ser melhorada, especialmente no que diz respeito à ligação entre a CIN e os elementos de Informações da QRF, devendo esta relação estar claramente definida, por escrito, para que ambas as partes possam estar cientes das capacidades de ambos e daí tirar o maior partido do seu trabalho.”</p>
E2	<p>“A comunicação interna dentro da Secção de Informações e a sua gestão depende apenas de quem a gere, desta forma, cabe ao Oficial de Informações geri-la, melhorá-la, alterá-la da forma que achar mais eficiente, no entanto, o objetivo é só um, informar o comandante da melhor forma possível, devendo este também dar as <i>guide lines</i> do que pretende e como pretende.”</p>
E3	<p>“Entendendo que existe sempre margem para melhorar, nesta área não é exceção. O que era interno da FND, estava ao alcance do Cmdt promover alterações tendo em vista a rentabilização de recursos, com o objetivo de melhorar os resultados. Isto foi implementado na 11ªFND, infelizmente sem consolidação, o próximo incremento (o efetivado na 12ªFND) ocorreu sem se confirmarem as necessidades, ou se os recursos estavam otimizados.</p> <p>Em complemento com o trabalho interno, era realizada uma reunião semanal, organizada pela CIN, com o propósito “uniformizar” conhecimento do TO.”</p>
E4	<p>“Na Força considero como eficiente, dado que se partilham os mesmos locais de trabalho. Ao nível de Teatro, entre a Força e a CIN, considero que se poderão melhorar alguns processos, nomeadamente os de gestão dos CCIR.”</p>

Quadro n.º 11 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 5

Entrevistado	Secção n.º 1 - Questão n.º 5: Como eram produzidas as informações no TO da RCA?
E1	<p>“De acordo com as definições do Cmdt da QRF, as suas Células de Informações orientam a sua pesquisa. Enquanto aquartelados, a pesquisa da QRF é efetuada essencialmente através da leitura de relatórios do escalão superior. Quando projetada, a QRF passa a ser o principal órgão de pesquisa para o escalão superior, recebendo orientações para o seu esforço de pesquisa. Diariamente, a QRF envia os seus relatórios para o escalão superior, para que também estes possam efetuar o processamento e disseminação das Informações. Internamente, a QRF, depois de processar as Informações recolhidas (no quartel ou projetada), dissemina-as para os seus militares, através de reuniões e brífingues.”</p>
E2	<p>“O CPI é obtido através de vários <i>inputs</i>, nomeadamente, através da informação recebida da MINUSCA, pesquisa OSINT e contactos externos à Força. Toda a informação é reunida na CGPPD e compilada em diferentes produtos, sendo depois analisados, verificados e expedidos pelo S2.”</p> 
E3	Já referido
E4	“Através do S2, MCI e CIN.”

Quadro n.º 12 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 6

Entrevistado	Secção n.º 1 - Questão n.º 6: Considera que a otimização dos recursos (humanos, económicos, materiais, tempo, etc), a coordenação entre os variados elementos intervenientes no CPI e os efeitos provocados pelas informações produzidas são fatores importantes para a eficiência de um Modelo de IM?
--------------	---

	Considera mais algum relevante?
E1	“Considero estes fatores essenciais. Mais importante do que o número de intervenientes no CPI, é a otimização dos recursos, por forma a atingir os melhores resultados. No meu entender, só é possível alcançar a maior otimização destes recursos e, conseqüentemente, a eficiência do Modelo de IM, com a melhor organização e coordenação entre os vários elementos (nacionais e estrangeiros) ligados ao CPI.”
E2	“São, com certeza.”
E3	“Considero, sem dúvida, que a otimização de recursos e uma atividade coordenada contribuem para a eficiência da atividade.”
E4	“Obviamente. Considero necessária a implementação de processos, sem os quais os recursos por mais ótimos que sejam, revelar-se-ão inconseqüentes.”

Quadro n.º 13 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 7

Entrevistado	<u>Secção n.º 1 - Questão n.º 7: Segundo os indicadores da otimização dos recursos, da coordenação entre os intervenientes e dos efeitos produzidos pelas informações, que alterações ao Modelo de IM considera pertinentes, tendo em vista uma maior eficiência na produção de informações no TO da RCA?</u>
E1	“No meu entender, a melhoria a implementar neste CPI prende-se com a coordenação entre os vários elementos afetos ao Modelo de IM, devendo ser claramente definida a relação entre todos e qual o contributo que cada um poderá dar aos outros. Tal como em toda a estrutura militar, é importante hierarquizar todos os intervenientes neste processo e assegurar que todos são conhecedores das suas capacidades e das dos restantes elementos, para através, de uma sinergia, seja possível alcançar, oportunamente, as melhores informações.”
E2	“A capacidade de produção é sempre muito reduzida, uma vez que, a Força tem uma capacidade de pesquisa muito reduzida e muito pouca capacidade enquanto órgão sensorial.”
E3	“Os sensores existentes no TO não são em elevado número, estando sempre presente a problemática “credibilidade”, ultrapassada, em parte, pela confrontação de fontes. Os recursos devem estar adequados a este propósito. Tudo o que ultrapasse, em recursos, o necessário ao cumprimento das tarefas da estrutura das Informações e o necessário à tarefa anteriormente referida, não existe otimização.”

	Provavelmente existirá uma sobreposição de responsabilidades, nunca profícuas.”
E4	“Neste momento, considero que o modelo é adequado, apesar de ainda não ter sido devidamente testado.”

Quadro n.º 14 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 1

Entrevistado	Secção n.º 2 - Questão n.º 1: Que vantagens identifica em destacar uma CIN num TO onde esteja também presente uma FND?
E1	“A vantagem de uma CIN num TO onde já existe uma FND poderá, apenas, ser a ligação ao TN.”
E2	“Noutro TO qualquer não sei, neste TO em específico não identifico grandes vantagens.”
E3	“Não possuindo conhecimento exato das responsabilidades das CIN e toda a envolvente da sua missão, o ponto de partida é uma resposta evidente: é vantajoso. É relevante, no entanto, identificar se a CIN possui capacidade, ou melhor, liberdade de movimentos para todo o TO (conforme AOR da QRF), proporcionando-lhe a possibilidade de realizar um trabalho consequente para a FND.”
E4	“Considero importante, pelo acesso que esta tem a informação operacional / estratégica, comparativamente à FND que se circunscreve a informação ao nível tático.”

Quadro n.º 15 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 2

Entrevistado	Secção n.º 2 - Questão n.º 2: Qual era a relação/ ligação existente entre a CIN-RCA e a FND? Como era estabelecida?
E1	“Semanalmente, a CIN-RCA organizava uma reunião, presenciada por todos os elementos nacionais com funções ligadas às Informações, na RCA, onde eram partilhadas Informações por todos.”
E2	“A relação entre a CIN e a FND é frequente, havendo ainda uma reunião semanal com todos os portugueses em teatro com alguma ligação à área das informações ou que, eventualmente, não estando ligado, tivesse material para partilhar.”
E3	“Para além da reunião semanal referida, competia ao MCI estabelecer uma ligação

	próxima com a CIN, garantindo desta forma um trabalho de informações benéfico para ambas as partes.”
E4	“Reuniões semanais, formais. Todavia, o livre contacto diário poderia e foi devidamente potenciado.”

Quadro n.º 16 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 3

Entrevistado	Secção n.º 2 - Questão n.º 3: Considera que no TO da RCA a presença da CIN-RCA constitui uma mais-valia à FND? Porquê?
E1	“Tendo em conta que o Modelo de IM da FND tem vindo a aumentar, a importância da CIN é cada vez menor, pelo que considero que não se constitui uma mais-valia para a FND.”
E2	“Neste TO em específico não identifico grandes vantagens.”
E3	“O potencial proporcionado pela CIN tem que ser encarado sempre como uma mais-valia. Entendendo eu que o trabalho da CIN se encontra circunscrito à capital Bangui e como, atualmente, o “foco” da FND (a partir da 12ª FND) está muito canalizado para a capital, é provável que a consequência seja mais evidenciada.”
E4	“Sem dúvida, pela partilha de elementos de informação e inerente análise, permitindo um diversificar de avaliações conducentes à obtenção de Informações credíveis num TO onde abundam os rumores.”

Quadro n.º 17 - Respostas à Secção n.º 3 - Questão n.º 1

Entrevistado	Secção n.º 3 - Questão n.º 1: No âmbito do tema do presente estudo e tendo em conta os objetivos da investigação, considera pertinente acrescentar algum contributo ou comentário?
E1	“O recente e progressivo aumento dos elementos constituintes do Modelo de IM obriga a uma adaptação, sendo que esta adaptação demora tanto mais, tanto quantas as vezes em que são produzidas alterações, pelo que, considero que as alterações devem ser feitas no menor número de vezes possível, facto que não tem acontecido. Para além disso, considerando que este Modelo de IM é constituído não só, por elementos do Exército, mas também, por elementos dos restantes Ramos, torna-se mais difícil a relação/coordenação entre todos, devendo as funções e especificidades de cada um serem devidamente definidas e mantidas ao longo do tempo, independentemente da origem dos mesmos.”

E2	-
E3	“Apenas um breve comentário, em reforço do já abordado: Não sendo um especialista na área das Informações, apesar de considerar que os meios (humanos e materiais) empregues neste TO, foram alvo de análise e estudo, entendo que deveria ser confirmada (ou não) a redundância entre MCI e CGPPD de Informações.”
E4	-

APÊNDICE E - APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS AOS CHEFES DA CIN-RCA

Quadro n.º 18 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 1

Entrevistado	<u>Secção n.º 1 - Questão n.º 1: Como estava organizado o Modelo de IM no TO da RCA? (Elementos constituintes) Como se inseria a CIN-RCA nesse Modelo?</u>
E5	<p>“Em 2020 não havia propriamente um modelo específico estruturado para as informações no TO. Estavam destacados no TO 2 CN (MINUSCA e EUTM) que tinham estruturas próprias que trabalhavam as informações. Para além disso, tínhamos uma FND na RCA (CIN-RCA), que, no âmbito nacional pretendia ser o elemento aglutinador das informações recolhidas por todos os sensores portugueses no TO. Para além disso, a CIN atuava também ela própria como sensor junto das entidades da RCA, de forma bilateral.</p> <p>Importa referir que a QRF era autónoma na sua produção de informações, quer pelos meios orgânicos constituintes da própria força, quer pela estrutura da MINUSCA que dava o apoio necessário à condução das respetivas operações.”</p>
E6	<p>“Não se pode dizer que na RCA exista implantado um Modelo de IM. O que existe na RCA é um conjunto de Elementos e Forças que contribuem para o esforço nacional de pesquisa de informações sobre o TO e que mantém o fluxo das mesmas para os organismos competentes destinatários, mandatados por Diretivas Operacionais do EMGFA.</p> <p>Sendo que todos os elementos presentes no TO são passíveis de se constituírem como sensores, apenas a FND CIN RCA se consubstancia como o elemento com a responsabilidade indivisível de manter o esforço de pesquisa de todos e o fluxo de informações para Portugal. Do plano de pesquisa da Célula, sendo a mesma constituída por elementos do CISMIL (EMGFA) e do SIED (SIRP), fazem parte requisitos que variam dos âmbitos Estratégico, passando pelo Operacional e até mesmo pelo Tático. No entanto estão projetadas no terreno 02 FND com capacidade de pesquisa e recolha. Uma é a FND como PRTQRF atribuída à MIINUSCA, que tem integrada um MCI, com a responsabilidade de, após a FND ter recebido uma Ordem Parcelar do comando da MINUSCA, para execução de uma tarefa ou cumprimento de uma missão, recolher notícias, dados de informação e informações do âmbito Operacional e Tático orientado para a <i>Force Protection</i> durante a condução das próprias operações (ou seja limitado á Área de Operações e ao tempo em que decorre a operação), sendo por isso de cariz muito limitado e regulado pela</p>

	<p>própria MINUSCA (pode condicionar a sua disseminação). A outra e a principal, como já referido, é a FND CIN RCA, que, apenas respondendo diretamente ao CEMGFA (embora com controlo operacional delegado do Comando Conjunto para as Operações Militares), com chefia técnica do CISMIL, trabalha de forma isolada e independente das outras organizações internacionais presentes no TO. É a única reconhecida pelo governo da RCA para se ligar com os Serviços de Informações e Segurança do país, que lhe confere liberdade de movimentos e de ação.”</p>
--	--

Quadro n.º 18 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 2

Entrevistado	<u>Secção n.º 1 - Questão n.º 2: Considera que o Modelo de IM era adequado às condicionantes do TO da RCA ou poderia, de alguma forma, ser adaptado (por exemplo aumentado/encurtado)?</u>
E5	<p>“Quando se fala em Informações é preciso ter-se em atenção os diferentes níveis: tático, operacional e estratégico. Um modelo de IM tem de dar resposta às necessidades de informações de cada um dos respetivos níveis. Especificamente no TO da RCA é importante referir que tínhamos militares integrados em forças completamente diferentes e, por sua vez, a trabalharem as informações também em níveis completamente diferentes (MINUSCA, EUTM e EUAM).</p> <p>Convém referir que as Nações Unidas, em teatro, têm uma estrutura preparada para dar resposta às necessidades suscitadas aos diferentes níveis das informações.</p> <p>Consoante as necessidades que foi sentindo, a QRF foi adaptando o seu modelo de informações. Penso que com todas as alterações, neste momento a estrutura das Informações da QRF Portuguesa da MINUSCA seja adequada às suas necessidades.”</p>
E6	<p>“Como referi não se pode dizer que existe um Modelo de IM no TO da RCA, no entanto, o que se afigura como necessário para poder responder aos requisitos de informações de Portugal referentes à RCA, não se coaduna com a existência de elementos de Força e Forças com ligação direta a uma estrutura de missão internacional que limita a liberdade de ação e de movimentos. Quanto à sua dimensão, considero que no caso do MCI integrado na FND QRF PRT se encontra excessivo, tendo em conta ao cariz da tarefa que cumpre ser extremamente limitada no espaço e tempo. Quanto ao dimensionamento da FND CIN RCA, considero que, atendendo a estar condicionada por Portugal a permanecer fisicamente na capital da RCA, que o quantitativo de elementos é suficiente, sendo que a recolha de dados de informação fora destes limites pode ser feita por sensores (contactos) da própria</p>

	CIN. Contudo, ocorrendo um alargamento desta restrição considero que o efetivo deverá ser aumentado de acordo com as necessidades de pesquisa (eventual projeção de pessoal para fora da capital).”
--	---

Quadro n.º 19 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 3

Entrevistado	Secção n.º 1 - Questão n.º 3: Considera que a otimização dos recursos (humanos, económicos, materiais, tempo, etc) dentro desse Modelo de IM se realizava de forma eficiente ou poderia ser melhorada? Se sim, como?
E5	<p>“Penso que poderá haver ações ou diretivas que melhorem a coordenação entre todos os meios e recursos disponíveis. Estas iriam mitigar os riscos de haver meios a cumprirem tarefas fora do âmbito da sua missão prioritária, podendo entrar nos níveis da alçada de outros meios.</p> <p>Deve ser claro para toda a gente quem faz o quê, como, onde, quando e para quê, para não haver atropelos entre os órgãos. Mais importante do que definir o que as missões fazem no âmbito das informações, é importante definir o que as missões não fazem nesse âmbito. Muitas vezes concentramo-nos no que fazemos, mas não no que não fazemos.</p> <p>É importante definir o que a QRF não faz, o que a CIN não faz, até por uma questão de fiscalização das atividades de cada um. É importante regulamentar procedimentos, quem faz o quê, como, onde, como e quem é que não faz? O que é que não fazem? O que é que a CIN não faz? O que é que a QRF não faz? Isso é muito importante definir.”</p>
E6	<p>“Não se podendo dizer que esta implementado um Modelo de IM, existem no TO elementos que contribuem para o esforço de pesquisa de forma informal, através de partilha de informações de dupla via, dado que nesta perspetiva não existe sobreposição. Contudo, sendo a missão principal da FND CIN RCA recolher dados de informações e informações que promovam um panorama situacional comum securitário, e a avaliação da ameaça para todas as Forças e elementos portugueses destacados, e, considerando que ao MCI lhe é atribuída essa tarefa ao nível operacional e tático para o cumprimento da missão da FND QRF PRT, existe, nesta perspetiva, uma sobreposição de esforços. Avaliando os meios humanos e materiais atribuídos ao MCI e a magnitude da mesma tarefa, considera que o mesmo se encontra sobrealimentado.”</p>

Quadro n.º 20 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 4

Entrevistado	Secção n.º 1 - Questão n.º 4: Considera que a comunicação/ ligação dentro desse Modelo de IM se realizava de forma eficiente ou poderia ser melhorada? Se sim, como?
E5	<p>“A comunicação está assente na relação de pessoas. Se essa relação não for boa, a comunicação vai ser prejudicada. A comunicação tem de estar assente em processos, tem de estar assente em diretivas. Tem de haver diretivas específicas que definam quem faz o quê, como, onde, quando e para quê e ainda o que é que os outros não fazem dentro do âmbito das informações. Isso tem de estar escrito. Não é definir a estrutura das informações, mas definir o modelo de emprego das informações nacionais. Esse modelo constitui-se por todos os atores que têm acesso às informações.</p> <p>Foi implementada uma reunião de coordenação mensal que era feita em VTC para Portugal, onde se tentava juntar à volta de uma mesa todos os intervenientes para falarem sobre a sua interpretação das informações no último mês. Havia também uma reunião de coordenação semanal interna (em teatro), para tentar coordenar todas as informações.</p> <p>Não há uma ordem de operações para as informações, com as subunidades, quem faz o quê, quando e onde... onde é que cada um está e de que forma é que cada um contribui para o plano de pesquisa nacional. Isso não existe e penso que isso é que deveria existir.”</p>
E6	<p>“O ciclo de disseminação das informações para Portugal está bastante bem definido, sendo que o fluxo deverá ser exclusivo da FND CIN RCA para o CISMIL, que alimenta o CCOM. Contudo, ao existir um MCI na FND QRF PRT, e, no caso do Cmdt dessa Força sentir a necessidade de comunicar diretamente dados para o CCOM, por forma a fundamentar alguma necessidade de tomada de decisão, passam a existir 2 canais. Assim sendo, um deles torna-se supérfluo, tendo em conta que o CISMIL já alimenta o CCOM com os produtos provenientes da FND CIN RCA, que já foram alvos de análise e que já compila dados do MCI.”</p>

Quadro n.º 21 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 5

Entrevistado	<p>Secção n.º 1 - Questão n.º 5: Considera que a otimização dos recursos (humanos, económicos, materiais, tempo, etc), a coordenação entre os variados elementos intervenientes no CPI e os efeitos provocados pelas informações produzidas são fatores importantes para a eficiência de um Modelo de IM? Considera mais algum relevante?</p>
E5	<p>“A coordenação entre atores tem de estar sempre em diretivas para não ficar ao livre-arbítrio das pessoas.</p> <p>Depois, o CPI, se existe um ciclo de produção de informações nacional, todos os atores têm de ter conhecimento dele (desde as necessidades de pesquisa até a própria disseminação).</p> <p>Depois, deve ser muito bem definida uma coisa que normalmente não se fala muito em Portugal. A pesquisa de informações não é ter acesso a relatórios de informações já feitos. A Pesquisa de informações é ir a fontes primárias buscar informação para depois produzir análise. Se tu agarrares num relatório já analisado, já estás a agarrar na análise e já vais fazer uma interpretação da análise. Ou seja, é muito importante definir, para aquilo que é o esforço de pesquisa nacional, qual é a pesquisa, quais são os meios de pesquisa, quem é que faz pesquisa e como é que faz a pesquisa?</p> <p>Estamos a bater novamente na falta de orientação nacional em termos de um documento escrito que coordene os meios.</p> <p>Neste momento temos na RCA “n” meios, já para não falar no meio “homem”.</p> <p>Temos pessoas que têm acessos e acessibilidades na RCA desde o nível estratégico até ao nível tático. Mas depois não temos instituído o canal de <i>reporting</i> da pesquisa, qual é que é? Toda a gente reporta estas necessidades de pesquisa à CIN? E depois a CIN é que faz a análise e a produção? Mas estes órgãos têm algum treino na área da pesquisa? Têm formação na área da pesquisa para o fazer?</p> <p>Voltamos a falar do mesmo, há uma falta de orientação, em termos de como é que nós fazemos a pesquisa, para depois produzirmos a análise. Aquilo que muitas vezes acontece é que cada elemento produz a sua própria pesquisa, a sua própria análise e tudo isso são canais diferentes que depois vêm para Portugal. Por um lado, podem coincidir, ou por outro lado podem divergir.”</p>
E6	<p>“São fatores essenciais, sendo, contudo, imprescindível que os Cmdts das FND, independentemente da tipologia, tenham um entendimento indubitável da diretiva de comando, das responsabilidades exclusivas e do canal correto para o efeito desejado.”</p>

Quadro n.º 22 - Respostas à Secção n.º 1 - Questão n.º 6

Entrevistado	Secção n.º 1 - Questão n.º 6: Segundo os indicadores da otimização dos recursos, da coordenação entre os intervenientes e dos efeitos produzidos pelas informações, que alterações ao Modelo de IM considera pertinentes, tendo em vista uma maior eficiência na produção de informações no TO da RCA?
E5	<p>“Quando Portugal projeta meios para determinado local, e assim que o EMGFA define quais são as necessidades de informações, nós temos de ter a capacidade de definir.</p> <p>Se Portugal está a participar numa missão, nós temos de dividir as informações em 2 tipos que são: que informações são necessárias em Portugal? (numa ótica de planeamento da estratégia nacional daquele TO no médio/longo prazo); e quais é que são as informações necessárias em teatro? (normalmente essas são decorrentes das missões onde as nossas forças são integradas). Mas essas são as informações que a estrutura onde nós estamos integrados tem de nos dar, e se não dão, nós temos de lutar para que essa estrutura produza as informações que tem de produzir. Ao dividirmos isto, depois, vamos atribuir meios e tarefas diferentes e é nesta altura que temos de criar algo (seja uma diretiva ou algo) que defina como é que estes meios se coordenam.</p> <p>Para um teatro como o da RCA, se calhar tem de ser feito um plano ou uma diretiva específica de coordenação de todos os intervenientes, para que haja transparência, as coisas fluam e funcionem. Podemos ter 2 mil soldados a pesquisar, se os meios e as necessidades não estiverem coordenados, há de haver alguém que acha sempre que tem menos e precisa de mais. Estes canais têm de estar definidos.”</p>
E6	<p>“Redução da capacidade de pesquisa e produção de informações da FND QRF RCA ao nível que a própria missão exige (e.g. não é tarefa do MCI seguir a situação política do TO, sendo que as tarefas que a FND QRF PRT cumpre são do nível operacional e tático). Com esta medida podem continuar a existir analistas nos centros de informações dos três ramos e do EMGFA que o possam fazer em Território Nacional com exatamente as mesmas ferramentas que utilizam no TO.”</p>

Quadro n.º 23 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 1

Entrevistado	Secção n.º 2 - Questão n.º 1: Que vantagens identifica em destacar uma CIN num TO onde esteja também presente uma FND?
E5	“A vantagem é principalmente a nível do apoio. Onde está uma FND, para a

	<p>operação de uma CIN, há sempre ali um corpo amigo que numa situação mais difícil pode sempre ajudar de qualquer forma, nem que seja motivacional. Para a FND é também uma vantagem ter uma CIN a operar porque sabe que há mais uns olhos e uns ouvidos portugueses na zona e que estão preocupados também com a segurança da força.</p> <p>Na minha opinião, os olhos e ouvidos nacionais deviam estar como noutros países. Há países que já têm uma CIN no teatro antes da força ser destacada e fazem isso para todas as forças. E mesmo quando a força sai de teatro, só muito depois sai a CIN e mesmo assim ainda deixam resquícios disso junto das embaixadas ou consulados, através dos serviços externos desse país. Isso permite muitas vezes não estarmos só dependentes das informações dos outros.</p> <p>A grande vantagem em ter uma CIN é ter mais uns olhos em teatro que pretendem ir muito para além daquilo que é a missão específica militar. Ou seja, uma CIN num TO pode viabilizar ou identificar oportunidades de investimento, oportunidades de negócio para um país... Uma CIN num teatro pode e deve identificar essas oportunidades para além do domínio militar, situações onde Portugal possa ter vantagens a nível nacional noutros domínios, que envolvam até outros ministérios ou outra diplomacia. A atividade da CIN não se cinge ao domínio das operações militares de uma QRF. Ou seja, uma CIN num TO tem de ir muito para além do que é a operação militar. Daí ter mudado o nome de CIM para CIN, porque o objetivo dela vai muito mais além do que o apoio militar, o objetivo era ir às informações estratégicas, não só de defesa e militares, mas também a parte económica, diplomática, influencia, etc.”</p>
E6	<p>“A liberdade de movimentos e de ação que a FND CIN RCA tem ultrapassa em larga escala qualquer possibilidade que uma FND QRF PRT poderá ter. Daí estar integrada na MINUSCA e dessa forma limitada ao mandato da missão, que não permite a pesquisa ativa de dados de informações se não forem direcionados para o cumprimento da missão.”</p>

Quadro n.º 24 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 2

Entrevistado	<p>6. Secção n.º 2 - Questão n.º 2: Quais foram as causas que levaram a que a CIN-RCA fosse empregue?</p>
E5	<p>“As causas foram: uma necessidade da integração de informações a nível do CN, ou seja, tentar criar uma <i>common operational picture</i>; foi o pedido das autoridades centro-africanas, que queriam uma cooperação bilateral de informações com</p>

	Portugal; poder haver mais olhos e ouvidos que pudessem ajudar a missão da QRF que é uma missão dura, com o objetivo de obtermos menos baixas.”
E6	“Existência de FND e END num TO muito volátil, com história de violência, para permitir uma capacidade e aviso antecipado de ameaças á integridade do pessoal e da missão que desempenham.”

Quadro n.º 25 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 3

Entrevistado	7. Secção n.º 2 - Questão n.º 3: Qual era a missão da CIN-RCA?
E5	“Não me recordo especificamente da missão e para além disso era classificada. No entanto, a missão da CIN é sempre a produção de informações para apoio à decisão em território nacional, ou seja, perspetiva estratégica. Em segunda prioridade informações de segurança para um CN, não era para a QRF, nem para a EUTM, mas sim para toda a comunidade portuguesa.”
E6	“Genericamente o constante na resposta anterior.”

Quadro n.º 26 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 4

Entrevistado	8. Secção n.º 2 - Questão n.º 4: Qual era a relação/ ligação existente entre a CIN-RCA e a FND? Como era estabelecida?
E5	“Mais uma vez, a relação estava assente em pessoas e era estabelecida por batermos à porta um do outro (eu ou o comandante da QRF) quando tínhamos necessidades. Eu sei que mais à frente foram criadas as tais reuniões de coordenação das informações, umas semanais, outras mensais. Volto a reforçar a necessidade de um plano ou uma diretiva de integração das informações que identifiquem os sensores e de que forma é que eles interagem.”
E6	“Relação de ligação nacional, colaborativa ao nível das informações e de apoio ao nível de prestação de apoio de serviços.”

Quadro n.º 27 - Respostas à Secção n.º 2 - Questão n.º 5

Entrevistado	9. Secção n.º 2 - Questão n.º 5: Considera que no TO da RCA a presença de uma CIN constitui uma mais-valia à FND? Porquê?
E5	“Eu considero que a presença de uma CIN, não na RCA, mas em qualquer TO, é importante porque são mais olhos. São olhos nacionais, sob o comando direto

	<p>nacional que devem estar fora daquilo que é o contexto das forças. É ter alguém que esteja isento, sob o comando e controlo nacional e que não está a ser supervisionado por ninguém de outro país. Depois porque são mais elementos que podem ouvir e reter mais coisas que possam contribuir para a segurança e para o planeamento operacional das nossas forças. Depois ainda porque traz uma dimensão estratégica muito grande de operação ao nível de serviços de informações, isso é algo que a QRF não pode fazer.</p> <p>A CIN não pode ir para ser redundante aos meios da QRF, ou seja, a CIN não pode estar no TO para responder a necessidades de informações ao nível tático que devem ser fornecidas pelos próprios meios orgânicos da QRF. A CIN pode cruzar-se com a informação que seja do interesse da QRF, mas a QRF também se pode cruzar com informação do interesse da CIN. Isso é o trabalho profícuo que convém haver entre as duas, mas em qualquer TO, Portugal deve primeiro avaliar aquilo que são os interesses ao nível operacional e estratégico.”</p>
E6	“Sim, pelos motivos já apresentados.”

Quadro n.º 28 - Respostas à Secção n.º 3 - Questão n.º 1

Entrevistado	Secção n.º 3 - Questão n.º 1: No âmbito do tema do presente estudo e tendo em conta os objetivos da investigação, considera pertinente acrescentar algum contributo ou comentário?
E5	<p>“No âmbito do modelo de IM no TO da RCA parece-me haver um problema. Nós, os militares portugueses, habituamo-nos a operar em TOs como o Kosovo ou o Afeganistão, onde as forças NATO têm ao seu dispor toda uma panóplia de meios e <i>intel</i>, desde a área da pesquisa, análise e disseminação. As Nações Unidas, nas suas missões, não têm as mesmas capacidades. A própria doutrina da ONU difere da doutrina NATO, nesse âmbito.</p> <p>Apesar da estrutura da MINUSCA estar implementada ao longo de todo o território da RCA, esta não é vocacionada para a área das Informações. A maior parte dos seus sensores são civis para apoio humanitário, o que faz com que a própria estrutura de informações da MINUSCA seja muito incipiente naquilo que é a produção, baseando-se muito no boato. Numa missão da NATO, um dado recolhido demora o seu tempo até ser considerado informações, tendo de passar por vários processos de validação. Muitas vezes demos conta de um simples rumor chegar à MINUSCA como uma informação fidedigna. Eu percebo que torna-se muito difícil trabalhar com um <i>notice to move</i> muito baixo com informações baseadas em</p>

	<p>rumores. Tudo isto pode levar a criar a ilusão de que a estrutura das informações seja inadequada, mas não pode ser Portugal a colmatar falhas que vêm das Nações Unidas. O que falha ali é o apoio desde o nível tático ao estratégico das informações, pois os organismos de recolha de informação da MINUSCA são constituídos por muito pessoal com falta de conhecimento ou formação na área das informações.”</p>
E6	<p>“Um MI para ser Adequado, Eficiente e Aceitável, deverá corresponder, quanto à sua edificação, às necessidades de informações, respeitar tanto quanto o possível a arquitetura de sistema de informações nacional, e, respeitar uma linha de comando indubitável.”</p>